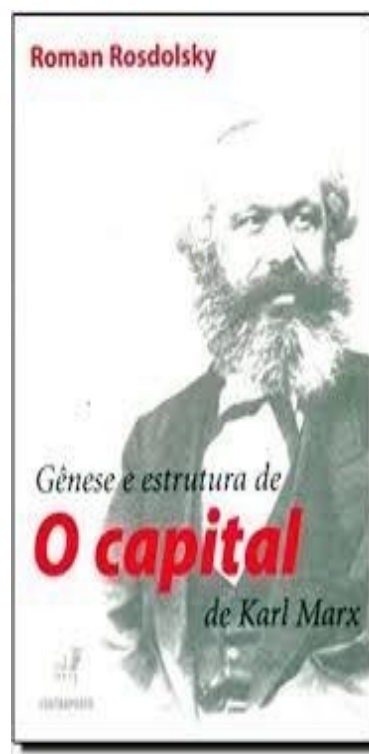


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



APÊNDICE AO FOLHETO Nº 10 – 02.06.2023

PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL] - Capítulo 21 – Do processo de produção ao processo de circulação do capital. Anotações sobre o problema da realização e o primeiro esquema da reprodução:

Texto 1 - Observação metodológica à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução [do capital] de Marx

Texto 2 - A polêmica em torno dos esquemas da reprodução [do capital] de Marx

SUMÁRIO

APÊNDICE AO FOLHETO Nº 10 (publicado em 02.06.2023)

NOTA DO ARTICULISTA [3](#)

Texto 1 - Observação metodológica à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução [do capital] de Marx [4](#)

Texto 2 - A polêmica em torno dos esquemas da reprodução [do capital] de Marx [13](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [45](#)

APÊNDICE AO FOLHETO Nº 10

NOTA DO ARTICULISTA

O Folheto nº 10 do Artigo Expositivo I inaugurou uma nova etapa do nosso estudo do livro *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*, o **processo de circulação do capital**, exposta na *Parte IV – A seção sobre o processo de circulação* da obra do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky.

Como vimos, o tópico de abertura da referida seção, o “Capítulo 21 - Do processo de produção ao processo de circulação do capital. Anotações sobre o problema da realização e o primeiro esquema da reprodução”, começa com uma digressão em relação ao tema central para abordar, entre outros, um dos aspectos mais debatidos da teoria crítica marxiana: os **esquemas da reprodução do capital**.¹ Talvez por esse motivo, Rosdolsky dedica dois momentos do seu livro às controvérsias em torno do assunto: o **Apêndice II - Observação metodológica à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução de Marx**, vinculado ao “Capítulo 2 - A estrutura da obra [O capital] de Marx” (*Parte I – Introdução*), e também o **Capítulo 30 - A polêmica em torno dos esquemas de reprodução de Marx**, um dos tópicos da *Parte VII – Ensaaios críticos*, última seção de *Gênese*. É exatamente dessas controvérsias que tratamos aqui.

Como sabemos, a obra de Roman Rosdolsky traz um comentário sobre os *Grundrisse* (“Elementos [Esboços] fundamentais para a crítica da economia política”), manuscritos redigidos e organizados por Karl Marx em sete cadernos, entre 1857 e 1858, primeiros escritos marxianos voltados diretamente à economia política capitalista. Inclusive são reconhecidos como o “laboratório econômico” de Marx e também como a primeira versão da sua obra maior e definitiva *O capital: Crítica da economia política*.

O referido conjunto de manuscritos traz à luz o método marxiano que vai do “abstrato ao concreto” e, atrelado a ele, a distinção entre o método utilizado para se investigar algo, no caso, os elementos fundamentais da crítica da economia política capitalista, e o de exposição dos resultados da investigação. Os registros do processo investigativo Marx deixou nos *Grundrisse*, os resultados da apuração expôs em *O capital*.

Apesar de *Gênese e estrutura de O capital* focar nos *Grundrisse*, os textos objeto deste Apêndice trazem os debates travados em torno dos esquemas marxianos da reprodução do capital expostos no *Livro II – O processo de circulação do capital* da obra maior de Marx. Entretanto, Roman examina criticamente essas controvérsias em cotejo com o método esculpido nos manuscritos de 57/58, cujos escritos os autores que aparecem nos textos que ora reproduzimos não conheceram. Daí a razão de trazermos para a primeira etapa da **Expedição**, sem prejuízo para o entendimento do assunto pelo leitor, parte do conteúdo de uma seção da obra de chegada da nossa “caravana literária”.

1 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001, p. 265 e 278.

Texto 1: Observação metodológica à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução [do capital] de Marx

Ancorado nos *Grundrisse*, mas não só, Roman Rosdolsky aborda o aspecto metodológico da crítica da filósofa, economista e revolucionária marxista polaco-alemã Rosa Luxemburgo² aos esquemas da reprodução do capital presentes no *Livro II – O processo de circulação do capital* da obra maior marxiana. Rosdolsky retornará a essa crítica, porém focando em seu conteúdo, no “Capítulo 30 - A polêmica em torno dos esquemas de reprodução de Marx”, objeto do segundo texto deste apêndice. Por enquanto ficamos na análise do nosso pensador marxista ucraniano das premissas metodológicas colocadas por Luxemburgo.³

Roman começa realçando que Rosa Luxemburgo considera como ponto principal da sua crítica duas questões metodológicas: “A primeira: os processos econômicos e políticos devem ser analisados a partir do ponto de vista do capital individual ou, ao contrário, a partir do ponto de vista do capital social global? A segunda: este último enfoque é compatível com uma formulação abstrata que considere apenas a existência de capitalistas e operários?”.⁴

Em relação à primeira questão, o nosso autor ucraniano assinala que a própria Rosa afirma “que nenhuma dúvida pode existir”. Luxemburgo “considera que qualquer teoria séria em economia política deve enfocar os processos econômicos ‘não a partir do ponto de vista da superfície do mercado, ou seja, do capital individual, plataforma predileta dos economistas vulgares’⁵, mas sim ‘a partir do ponto

2 Rosa Luxemburgo, nascida em 5 de março de 1871 na cidade de Zamość, Polônia, foi uma filósofa e economista marxista polaco-alemã, “mundialmente conhecida pela militância revolucionária ligada à Social-Democracia da Polônia (SDKP), ao [Partido Social-Democrata da Alemanha](#) (SPD) e ao [Partido Social-Democrata Independente da Alemanha](#) (USPD). Participou da fundação do grupo de tendência marxista do SPD, que viria a se tornar mais tarde o [Partido Comunista da Alemanha](#) (KPD). Em 1915, após o SPD apoiar a participação alemã na [Primeira Guerra Mundial](#), Luxemburgo fundou, ao lado de [Karl Liebknecht](#), a [Liga Espartaquista](#). Em 1º de janeiro de 1919, a Liga transformou-se no KPD. Em novembro de 1918, durante a [Revolução Espartaquista](#), ela fundou o jornal *Die Rote Fahne* (A Bandeira Vermelha), para dar suporte aos ideais da Liga. Luxemburgo considerou o levante espartaquista de janeiro de 1919 em Berlim como um grande erro. Entretanto, ela apoiaria a insurreição que Liebknecht iniciou sem seu conhecimento. Quando a revolta foi esmagada pelas [Freikorps](#), milícias nacionalistas compostas por veteranos da Primeira Guerra que estavam desiludidos com a [República de Weimar](#), mas que rejeitavam igualmente o marxismo e o avanço comunista, Luxemburgo, Liebknecht e alguns de seus seguidores foram capturados e assassinados. Luxemburgo foi fuzilada e seu corpo jogado num curso d'água (o *Landwehrkanal*), em Berlim, em 15 de janeiro de 1919” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo. Consultado em 09.05.2023). Mais sobre Rosa Luxemburgo, veja o artigo de Osvaldo Coggiola, **Vida e polêmicas de Rosa Luxemburgo – um roteiro** (Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vida-e-polemicas-de-rosa-luxemburgo-um-roteiro/>. Consultado em 08.05.2023).

3 A crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução marxianos está presente em seu livro *A acumulação do capital* publicado em 1912 (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 67 e 496 Nota 1).

4 Idem, p. 67.

5 Segundo a economista [Krishna Bharadwaj](#) (1935-1992), em tradução livre, “Karl Marx usou o epíteto ‘economia vulgar’ para descrever certas posições que, começando na [economia clássica](#) nas obras de [Malthus](#) (1766-1834), [Say](#) (1767-1832), alguns dos pós-ricardianos [termo relativo ao economista britânico [David Ricardo](#) (1772-1823), digo eu], incluindo [John Stuart Mill](#) (1806-1873), desenvolveram um ‘sistema analítico’ (como em Say)”, tomando mais tarde uma forma acadêmica. “O epíteto não era simplesmente um rótulo depreciativo, mas tinha, portanto, um conteúdo analítico específico e significado. Marx contrastou nitidamente o ‘vulgar’ da economia política clássica, esta última compreendendo ‘todos os economistas que desde a época de [W. Petty](#) (1623-1687) investigaram o real

de vista – em última instância, o único correto e decisivo – do capital social global’⁶”. Concordando com Karl Marx, ela afirma: “Com efeito, este é o critério que Marx aplica e desenvolve sistematicamente, pela primeira vez, no segundo tomo de *O capital*, mas que serve de base a toda sua teoria. [...] A teoria econômica de Marx é inseparável da ideia de um capital global da sociedade, concebido como uma grandeza real e efetiva, que ganha expressão tangível no lucro global da classe capitalista e em sua distribuição, e de cuja dinâmica indivisível procedem todos os movimentos visíveis dos capitais individuais”. Só Marx conseguiu extrair com clareza “[...] a diferença fundamental entre as duas categorias – capital individual e capital social global – em seus movimentos”, conclui.⁷

Portanto, a crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas marxianos não reside no grau de importância que Marx atribui ao capital global da sociedade, uma “grandeza real e efetiva”.

quadro interno de relações burguesas de produção’ (*O Capital*, Vol. I, pp. 174-5)”. Para Karl Marx, a Economia vulgar baseia-se na análise das “aparências” da produção capitalista. “Marx viu, na produção capitalista, [ao contrário dos ‘vulgares’, digo eu] ‘mais do que em qualquer outra’, uma ‘realidade’, ‘o interior fisiológico do sistema’ – que foi captado na economia política científica, em sua análise, localizando a geração de excedente na produção, explicando a maneira pela qual o excedente é apropriado pelos proprietários do meios de produção e distribuídos como receitas tripartidas de aluguéis, lucros e salários, e que trouxe à tona os inevitáveis e endêmicos conflitos de interesses de classe e daí as contradições incipientes nos processos de geração, distribuição e acumulação de excedentes. [...]. No entanto, esta ‘realidade’ se esconde atrás de ‘aparências’ que assumem formas e emergem como conceitos esotéricos e categorias de análise pertencentes à esfera de troca onde ‘Liberdade, Igualdade, Propriedade e Bentham’ reinam supremos; a troca aparece como entre ‘equivalentes’, regidos inteiramente pela concorrência no mercado”. Neste cenário, “[...] as relações sociais assumem formas fetichistas na ‘falsa consciência’, formando percepções subjetivistas dos agentes participantes da produção. Marx atacou a economia política vulgar por permanecer no nível dessas ‘aparências’; desde essas percepções muitas vezes refletidas dos agentes burgueses da produção, a economia vulgar tende a defender, racionalizar e, portanto, servir aos interesses da classe burguesa. Enquanto Marx assim reconhecia, na economia política vulgar, uma função ideológica explícita ou implícita, fazendo apologia da burguesia, sua crítica não se limitou apenas ao ideológico; ele traçou meticulosamente suas raízes analíticas de desenvolvimento e criticou as inconsistências lógicas e ambivalências de suas posições teóricas. Para Marx, a conquista significativa da economia política científica estava em traçar a fonte do excedente na produção e identificar o papel do trabalho como uma causa de valor e a fonte de mais-valia. Ele compreendeu o ‘interno, as interconexões’ da produção capitalista através do reconhecimento dos diferentes papéis que os ‘agentes’ – terra, capital e trabalho – desempenhavam no processo de produção e na geração de valor e os diferentes princípios pelos quais suas receitas foram governadas. Identificou a restrição imposta à relação salário-lucro. Em contraste, a economia política vulgar adotou a ‘fórmula da trindade’ em relação à forma e fontes dessas receitas. Tratado como tendo uma coordenada simétrica, a terra era vista como fonte de renda e o capital de lucros, assim como o trabalho é de salário, sendo considerado que os agentes são todos pagos de acordo com a produtividade. Assim, tanto a terra quanto o capital são uma fonte de valor e de excedente como o trabalho. Assim, ‘temos uma mistificação completa do modo capitalista da produção, a conversão das relações sociais em relações entre as coisas’; para Marx, o direito ao excedente na forma de rendas e lucros, originários das relações de propriedade, é aqui confundido com a criação de excedente pelos próprios meios materiais. Além disso, ao atribuir um papel simétrico e status à trindade, ao prever suas receitas conforme determinado pelo mesmo processo de competição, e independentes uns dos outros, uma visão harmoniosa foi construída pela economia vulgar. Essa visão, explicando as receitas distributivas em ‘linguagem doutrinária’ ajudou a teoria a se adequar às percepções burguesas: os salários apareciam como o retorno competitivo do trabalho e, analogamente, os lucros como recompensa pela abstinência. A ascensão em receitas distributivas de qualquer classe, refletindo sua maior produtividade e contribuição, não poderia interferir em receitas alheias que fossem determinadas iguais, mas independentes. Marx vê as raízes da economia vulgar posterior em certas ‘representações’ ou ‘elementos’ da economia política clássica (in BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) *Marxian Economics*. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59. Consultado em 08.05.2023).

6 Para a economista marxista polaco-alemã, a existência dos capitais isolados, sua autonomia, “é tão somente a forma externa, a aparência superficial da vida econômica, aparência que o economista vulgar confunde com a realidade das coisas, apresentando-a como a fonte única do conhecimento. Sob essa superfície, e por cima dos choques da concorrência, há o fato de que os capitais isolados formam um todo” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 67).

7 Idem, p. 67 e 68.

De acordo com Roman Rosdolsky, a crítica metodológica de Rosa dirige-se diretamente ao *Livro I – O processo de produção do capital* face ao *Livro II – O processo de circulação do capital* e ao *Livro III – O processo global da produção capitalista*. Para essa relevante economista marxista, segundo Rosdolsky, o filósofo alemão, nos três livros, ao considerar na análise “uma **sociedade puramente capitalista**”, formada **apenas por capitalistas e por operários**, faz uma “**abstração teórica**” (grifo nosso). Agindo assim, na avaliação de Luxemburgo, ainda com as palavras de Roman Rosdolsky, Marx enfrenta “o problema da ‘reprodução e circulação do capital social global’ a partir de uma premissa que **impossibilita** de antemão qualquer **solução real** ao problema” (grifo nosso).⁸

Em relação ao propósito do Livro I, onde são examinados os “capitais individuais” e “suas práticas de exploração na fábrica”, segundo Rosa Luxemburgo, é até de se admitir tal abstração, porém, conforme escreveu, quando Marx encara o problema da “reprodução e circulação do capital social global”, o que faz no Livro II, isto é, o “problema da acumulação do capital social como um todo”, julga parecer “oportuno e perturbador” tal abstração.

Como a acumulação do capital social global, continua Luxemburgo,

“é um processo histórico real, dentro do qual a evolução capitalista acontece, entendo ser impossível estudá-lo sem levar em conta todas as condições dessa realidade histórica. Desde o primeiro até o último dia, a acumulação do capital, concebida como processo histórico, abre caminho imersa em formações pré-capitalistas dos mais variados tipos, debatendo-se politicamente com elas, em luta incessante, e estabelecendo com elas, ao mesmo tempo, um permanente intercâmbio econômico⁹. Se as coisas se passam assim, como se pode enfocar esse processo e descrever as leis de sua dinâmica interna, apegando-se a uma ficção teórica abstrata [isto é, que a sociedade analisada é puramente capitalista, formada apenas por capitalistas e trabalhadores assalariados, frisamos], que não reconhece a existência daquele meio ambiente, daquela luta, daquele intercâmbio?”.

Portanto, conclui:

“Colocada assim a questão, a fidelidade à teoria de Marx exige que nos afastemos da premissa adotada no primeiro tomo de *O capital*, adequada e frutífera ali, para colocar o problema da acumulação, concebida como processo global, a partir da

8 Ibidem, p. 68 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

9 Nessa oportunidade, referindo ao que afirma Rosa Luxemburgo quanto ao fato de que “a acumulação do capital, concebida como processo histórico, abre caminho imersa em formações pré-capitalistas”, Roman Rosdolsky acrescenta: “não só a acumulação de capital, mas também a circulação de capital em geral”. Pois, como assenta Marx no Livro II d’*O capital*, “dentro do processo de circulação do capital industrial, no qual este atua como dinheiro ou como mercadoria, o ciclo do capital industrial cruza, seja como dinheiro, seja como mercadoria, com a circulação mercantil dos mais diversos modos sociais de produção, na medida em que estes produzem mercadorias” (Ibidem, p. 68 e 496 Nota 3). Aliás, ao longo deste Artigo Expositivo, mesmo quando estudamos o processo de produção do capital, vimos em várias passagens menções ao processo de circulação mercantil simples em intercâmbio com a circulação mercantil capitalista.

base concreta do intercâmbio entre o capital e o meio histórico que o envolve. Assim agindo, a explicação do processo retorna, a meu ver, aos ensinamentos fundamentais de Marx e fica em perfeita harmonia com o resto de sua maior obra econômica”.

Explicitado o argumento de Rosa à primeira questão metodológica realçada, passamos à crítica de Roman Rosdolsky às objeções colocadas, na qual o autor ucraniano faz distinções importantes, que apresentamos inicialmente na forma de enunciados: a) “capital individual” não é igual a “capital em geral”; b) ao considerar a abstração teórica do “capital em geral” não significa que Marx ignora as vinculações sociais históricas pré-capitalistas; c) uma coisa é levar em conta as vinculações sociais históricas na análise do “capital em geral”, como Marx apresenta nos Livros I e II, o que é perfeitamente possível teoricamente, outra coisa é analisar o “capital real”, a “pluralidade de capitais”, a “concorrência entre os capitais”, superando essa abstração teórica, como faz no Livro III.

O autor de *Gênese* comunga com Luxemburgo no que se refere à distinção entre as categorias de “capital individual” e a de “capital social global”. Rosdolsky admite que “se trata de uma diferença metodológica fundamental, que separa nitidamente a teoria econômica de Marx e a teoria burguesa, especialmente a teoria [econômica, digo eu] vulgar”. Todavia, discorda da economista polaco-alemã no que diz respeito ao fato, como ela acredita, “que essa diferença oferece a chave para a compreensão da obra de Marx e sua estrutura”. Muito pelo contrário, afirma Roman, “[...] o que caracteriza metodologicamente os diversos tomos de *O capital* não é o fato de que no primeiro deles [no Livro I, digo eu] Marx se limita à análise do capital individual, passando a considerar no segundo e no terceiro tomos [nos Livros II e III, digo eu novamente] o capital em suas vinculações sociais”.¹⁰ Ocorre que Rosa Luxemburgo não considera em sua crítica, e sequer menciona, o “capital em geral”, se atendo ao capital individual, talvez entendendo-os como sinônimos.

O nosso pesquisador ucraniano esclarece: “Já no primeiro tomo [...], aparece muitas vezes a oposição entre as categorias de capital em geral e de capital individual”. Inclusive, como vimos nos folhetos anteriores deste Artigo Expositivo I, em especial no Folheto nº 02, Marx deixa claro e bem evidenciado o porque de trabalhar com a categoria de “capital em geral” na investigação que corresponderá ao Livro II da sua obra definitiva, deixando para superar esse limite, “fazendo a passagem para a análise da ‘pluralidade de capitais’ e de suas inter-relações, ou seja, do capital que existe ‘na realidade’”, apenas no Livro III.¹¹ No segundo tomo Marx não menciona a expressão “capital individual”. Portanto, nos dois primeiros livros ele não ultrapassa a análise do “capital em geral”, só no terceiro é que supera tal limite, e tampouco usa o termo “capital individual” como sinônimo ou equivalente a “capital em geral”.¹²

¹⁰ Ibidem, p. 68 e 69.

¹¹ Ibidem, p. 69 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

¹² Sobre a ênfase dos dois primeiros livros no “capital em geral”, reveja o [Folheto nº 02](#), páginas 17-20.

Em Karl Marx, Rosdolsky ressalta, não há coincidência entre os conceitos de “capital individual” e de “capital em geral”. São categorias distintas. “O segundo é muito mais amplo que o primeiro. Daí resulta que, para Marx, podemos – ou melhor, devemos –, **considerar o ‘capital total da sociedade’** [ou capital social global, digo eu] **dentro dos marcos definidos pela categoria de ‘capital em geral’**” (grifo nosso).

Para elucidar melhor tal distinção transcrevemos o texto de nota de pé de página de *Gênese*, extraído do Livro I d’*O capital*:

“A ilusão gerada pela forma monetária [de que o trabalhador é um consumidor indiferente à sua condição de trabalhador assalariado, quando parece ser se o olharmos individualmente, digo eu] desaparece logo que consideramos não o capitalista individual e o trabalhador individual, mas sim a classe capitalista e a classe trabalhadora. A classe capitalista **entrega** constantemente à classe trabalhadora, sob forma monetária [salário, digo eu novamente], o correspondente a uma parte do produto criado por esta última e apropriado pela primeira. Também constantemente, o trabalhador **devolve** à classe capitalista esses pagamentos [adquirindo bens de consumo para sua subsistência da mão dos capitalistas que fabricam bens para essa classe, digo eu mais uma vez], obtendo desta a parte que lhe corresponde de seu próprio produto [do produto do seu trabalho, do trabalho necessário ou trabalho pago, digo eu]. A forma mercantil do produto e a forma monetária da mercadoria disfarçam a transação [...]. Do ponto de vista social, a classe operária é um acessório do capital também quando está fora do processo direto de trabalho, assim como o instrumento inanimado de trabalho” (grifo nosso).¹³

Neste ponto da sua “crítica da crítica”, Rosdolsky chega ao segundo problema metodológico apontado por Rosa Luxemburgo: “se a consideração dos processos econômicos a partir do ponto de vista do capital global pode ser compatível ou não com a visão, evidentemente abstrata, de uma sociedade formada apenas por capitalistas e operários”. Também aqui Roman diverge de Luxemburgo. Para ele, as críticas que Rosa faz às análises marxianas da “Seção III - A reprodução e circulação do capital social global” do Livro II, considerando-as uma “ficção abstrata”, acusando Marx de abstrair “todas as condições da realidade histórica”, “[...] só seriam oportunas se, através desses esquemas, Marx tivesse tentado descrever o processo de reprodução do capital não só em sua ‘expressão abstrata’, em sua ‘forma fundamental’, mas também em seu curso histórico real”. Mas ele não faz isso.¹⁴

Ao mencionar que Marx faz uma abstração de “todas as condições

¹³ Ibidem, p. 496 Nota 7.

¹⁴ Ibidem, p. 69. Extraímos dessa parte de *Gênese* que, para Rosa, equivocadamente, como já podemos definir pelo visto até aqui, uma análise que contemple o capital social global, como a da Seção III citada, tem “de lidar não só com os processos econômicos vistos como uma totalidade, mas também com a realidade concreta e imediata do capitalismo”.

da realidade histórica”, diz Rosdolsky, Rosa Luxemburgo “na verdade [...] se refere a apenas uma condição: a existência de um entorno não capitalista, que explica a presença de outros atores, além da burguesia e do proletariado”.¹⁵

Roman Rosdolsky crava ser verdade “que, ‘como processo histórico’ a acumulação do capital [a busca ilimitada do capital por mais valorização, digo eu] pressupõe, ‘do primeiro ao último dia’, um ambiente pleno de formações pré-capitalistas e uma incessante interação com elas. Mas também pressupõe ‘do primeiro ao último dia’, muitas outras coisas, como por exemplo a concorrência interna e interestatal de capitais, a não coincidência de preços e valores, a existência de uma taxa média de lucro, o comércio exterior, a exploração dos países de baixa produtividade por parte de seus competidores mais afortunados etc.”. Porém, intencionalmente, segue o pensador ucraniano, “Em seu esquema abstrato da reprodução, Marx abriu mão de analisá-las, com razão, mas isso não quer dizer, que para compreender a ‘realidade’ empiricamente considerada, se possa ignorá-las, assim como não se pode ignorar o ‘entorno histórico’ do capitalismo”.¹⁶

Rosa, segundo Rosdolsky, “assinala com satisfação as ‘contradições aparentemente flagrantes’ que existiriam entre os esquemas da reprodução do segundo tomo [Livro II, digo eu] e ‘a concepção do processo capitalista global e seu curso, tal como exposto por Marx no terceiro tomo [Livro III, digo eu novamente] de *O capital*’”. Ocorre que, para o autor de *Gênese*, aqui, mas não só, Rosa se contradiz. Tendo afirmado “repetidamente (com razão) que, não só no primeiro e no segundo tomos de *O capital*, mas também no terceiro, Marx partiu da premissa de uma sociedade formada apenas por capitalistas e operários, premissa que, presumivelmente, excluía desde logo a possibilidade de uma explicação correta do processo de acumulação”, conforme citado anteriormente, como Marx, no Livro III, “[...] poderia ter chegado a conclusões opostas (e consideradas corretas por Rosa Luxemburgo)?”. Ou seja, como o filósofo alemão, partindo da mesma premissa, poderia ter chegado no terceiro livro, em que aborda o capital real ou concreto, a conclusões opostas (com as quais ela concorda) às assentadas no Livro II?

Um fato importante para descobrir a “fonte desses erros”, como se expressa Roman, pode estar na constatação temporal de que ela não conheceu os *Grundrisse*, o que, a nosso ver, deságua na seguinte formulação do autor ucraniano: “a completa omissão [de Rosa, digo eu] da categoria marxiana de ‘**capital em geral**’ e o desconhecimento do papel desempenhado pela abstração que conduz a uma ‘sociedade puramente capitalista’ na **metodologia** marxiana” (grifo nosso).

Mas não precisamos ficar somente nos *Grundrisse*. No Livro IV – *Teorias da mais-valia*, que Luxemburgo conheceu, Marx expressa claramente que para tratar das “relações essenciais da produção capitalista, pode-se supor que todo

¹⁵ Ibidem, p. 69 e 70.

¹⁶ Ibidem, p. 70 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

o mundo das mercadorias, todos os domínios da produção material [...] estão submetidos (formal ou realmente) ao modo de produção capitalista (isso ocorre quase sempre e, mais ainda, é o objetivo principal, e só nesse caso as forças produtivas do trabalho se desenvolvem plenamente). Essa premissa [a de uma sociedade puramente capitalista, evidenciamos], que expressa a situação-limite, [...] permite que consideremos todos os trabalhadores ocupados na produção de mercadorias como trabalhadores assalariados e que, em todos os domínios, os meios de produção se opõem a eles como capital [pois não mais as matérias-primas e instrumentos de trabalho, por exemplo, são de propriedade dos trabalhadores, digo eu].¹⁷ Aliás, antes, no Livro III, Marx já justificava tal suposição metodológica: “Na teoria, pressupomos que as leis do modo capitalista de produção se desenvolvem em forma pura. Mas, na realidade, existe tão somente uma aproximação; tal aproximação é tanto maior quanto mais desenvolvido estiver o modo capitalista de produção e quanto menos ele esteja contaminado pelos restos de situações econômicas anteriores”.¹⁸

É certo que o filósofo alemão-prussiano não confundiu, “nem por um instante”, assegura Rosdolsky, “essa hipótese metodológica com a realidade do capitalismo”. Naqueles manuscritos, e também em *Introdução* [à crítica da economia política], além de mais tarde em *O capital*, Marx tinha como objetivo, “antes de mais nada, compreender a realidade concreta do modo de produção capitalista”. Mas, para tanto, “visualizava apenas um método científico adequado, que esboçara [nos primeiros escritos citados acima, digo eu]: **o método de ‘caminhar do abstrato ao concreto’**” (grifo nosso). Vimos nos folhetos anteriores que, para o autor d’*O capital*, a investigação das leis em que se baseia o modo de produção capitalista requer que se busque “em primeiro lugar o **devir do capital**¹⁹ – ou seja, seus processos tanto de produção como de circulação e reprodução – em condições ideais, como ‘tipo geral’. Para isso, era preciso prescindir de todas as ‘formações mais concretas’ do capital, entre as quais a existência de agentes não capitalistas etc.”.²⁰

Roman Rosdolsky reforça que a investigação abstrata empreendida “não se restringe, de modo algum, à análise do capital individual (tal como corresponderia à concepção de Rosa Luxemburgo), pois, para determinados fins investigativos, também o ‘capital total de uma sociedade’ pode e deve ser concebido como ‘capital enquanto tal’ ou como ‘capital em geral’ [portanto, em sua forma abstrata, digo eu]”. Isso tudo está nos *Grundrisse*.

17 Ibidem, p. 71 c/c p. 497 Nota 12.

18 Ibidem, p. 497 Nota 12.

19 De acordo com o Site Wikipedia, *Devir* (do latim *devenire*, tornar-se, transformar-se, devenir, vir a ser) “é um conceito filosófico que indica as mudanças pelas quais passam as coisas”. Em [Hegel](#) (1770-1831), filósofo com marcante influência sobre Karl Marx, o conceito do *devir* “constitui a síntese [dialética](#) do ser e do não ser, pois tudo o que existe é contraditório estando então sujeito a desaparecer. Tal como [Heráclito](#) [500 a.C. - 450 a.C., acrescentamos] Hegel viu a oposição e o conflito como essenciais ao devir” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>. Consultado em 08.05.2023). O *devir* é um processo, um fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes.

20 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 71 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

Para encerrar este Texto 1, não obstante a crítica que Roman faz às premissas metodológicas da crítica de Luxemburgo, cabe registrar algumas indagações em termos absolutos postas por ele: “o processo de reprodução do capital social global não pressupõe uma pluralidade de capitais? Logo, esse processo não deveria ser excluído da análise do ‘capital em geral’, aparecendo apenas no contexto da análise da ‘pluralidade de capitais’, ou seja, da concorrência?”²¹. Por que então Marx analisa no Livro II o capital social global no âmbito do “capital em geral”? O próprio Rosdolsky explica que conceitualmente o processo de reprodução do capital não requer a presença na análise da concorrência em sentido estrito. Para ele basta “apenas a existência de intercâmbio entre os dois departamentos da produção social [como vimos no Folheto nº 10, digo eu], a indústria dos meios de produção e a dos meios de consumo”, portanto, “dois capitais particulares”. Citando Marx, complementa: “É claro que ‘com a dualidade já aparece a pluralidade em sua forma geral’, que resulta na ‘transição do *capital em geral* para os *capitais particulares*, os capitais reais’” (grifo do autor).²²

E assim, Roman Rosdolsky conclui sua resposta ao segundo questionamento metodológico de Rosa Luxemburgo: “Mas isso não exclui a necessidade de uma análise abstrata nos marcos do ‘capital em geral’. Eis o motivo que levou Marx a realizar uma investigação [do capital social global, digo eu] como a que aparece no segundo tomo de *O capital* [especificamente na Seção III, digo eu novamente], antes de enfocar a ‘ação recíproca dos diferentes capitais’, a taxa média de lucro etc.”, estas últimas abordadas no Livro III, onde “[...] a análise em profundidade – e concreta – do processo social da reprodução e das crises (assim como das teorias compreendidas nesse terreno)”, de acordo com o plano marxiano, deveriam aparecer.²³

Na sequência, o nosso pensador ucraniano apresenta vários momentos do Livro IV²⁴, “que Rosa Luxemburgo conhecia e apreciava”, ele frisa este fato, em que Marx defendeu seu ponto de vista metodológico “com clareza”.²⁵ Porém, vamos nos abster de citá-los sem qualquer prejuízo para o nosso estudo.

Dessa passagem de *Gênese* vamos a um trecho que avaliamos como mais importante. Sobre a mencionada “clareza” metodológica exposta no quarto livro de *O capital*, Rosdolsky assinala: “Pressentindo talvez que alguém haveria de criticar o fato de que essa etapa de sua análise [a etapa da reprodução e circulação do capital global, digo eu] não reproduzia as ‘condições reais [...]’, Marx escreveu logo adiante: ‘Cabe observar que devemos descrever o processo de circulação ou o de produção antes de ter descrito o **capital acabado**²⁶ – capital e lucro –, pois devemos explicar não só

21 Nessa passagem de *Gênese*, Rosdolsky faz uma observação no sentido de que “É possível que o próprio Marx tenha considerado esse tipo de ressalva em algum momento”, como observou em um ponto dos *Grundrisse*, mas não entra em detalhes (Ibidem, p. 71 c/c p. 497 Nota 14).

22 Ibidem, p. 71 e 72.

23 Ibidem, p. 72 e 73.

24 Ibidem, p. 72-74.

25 Ibidem, p. 72.

26 Conforme Folheto nº 10.

como o capital produz, mas como é produzido. O movimento real parte do capital existente (= ‘acabado’); ou seja, o movimento real que ocorre sobre a base da produção capitalista desenvolvida começa por si mesmo, pressupõe a si mesmo. O processo de reprodução e as tendências à crise que nele se desenvolvem só podem ser descritos aqui de forma incompleta e devem ser completados no capítulo [‘livro’, intervém Rosdolsky] [que trata, digo eu] do ‘Capital e lucro’ [referindo-se ao Livro III, digo eu novamente]”.²⁷

Por fim, Rosdolsky destaca mais uma vez, e negativamente, a interpretação de Rosa Luxemburgo sobre os esquemas de reprodução marxianos: “Vemos então que a ‘ficção teórica’ de Marx”, que ela tanto criticou, “é tão somente a análise do processo de reprodução social nos marcos do ‘capital em geral’. Isso mostra como a autora de *A acumulação do capital* interpretou **erroneamente o método** de *O capital*, e quão pouco crédito merece sua crítica aos esquemas marxianos da reprodução. (Quanta razão tinha Lenin quando apontava a incompreensão da metodologia de *O capital* como o aspecto mais débil da teoria econômica marxista na época da Segunda Internacional! [da qual Rosa Luxemburgo participou, digo eu])²⁸”. A destacada marxista polaco-alemã considerou os processos econômicos a partir do ponto de vista do capital individual, enfatizando a diferença entre este e o capital social global. Mas, concomitantemente, confundiu “essa diferença com a distinção, não menos fundamental, entre o ‘capital geral’ e o capital ‘real’, ou os ‘capitais múltiplos’ [e antes, entre aquele e o capital individual, digo eu mais uma vez]. Em sua opinião, só o capital individual permite uma abordagem abstrata, enquanto a categoria do capital social global deve representar uma realidade imediata. Daí seu frequente apelo à ‘realidade histórica’ contra a ‘ficção teórica’ [atribuída ao autor dos *Grundrisse*, digo eu]; daí sua crítica equivocada aos esquemas da reprodução de Marx [...]”. Nessa linha, Roman Rosdolsky lamenta o fato de que pensando assim Rosa Luxemburgo não foi capaz “de seguir desenvolvendo concretamente, no sentido da teoria marxista, o núcleo válido de seu livro [*A acumulação do capital*, digo eu]: o conflito, cada vez mais acentuado, entre o desenfreado instinto de valorização do capital e a limitada capacidade de consumo da sociedade se torna uma das principais fontes da expansão econômica e política do capitalismo”.²⁹

27 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 72 e 73.

28 Criada principalmente por iniciativa de [Friedrich Engels](#) (1820-1895), por ocasião do Congresso Internacional de Paris, em 14 de julho de 1889, portanto seis anos depois da morte de Marx, em 1883, a Segunda Internacional ou Internacional Socialista ou Internacional Operária foi uma organização dos partidos socialistas e operários que durou até 1914/16. “Embora sem a participação do ainda poderoso movimento [anarco-sindicalista](#) e dos sindicatos, a Segunda Internacional representou a continuidade do trabalho da extinta [Primeira Internacional](#), dissolvida nos anos 1870”, da qual Karl Marx e Engels participaram, tendo sido Marx um dos seus dirigentes (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional. Consultado em 11.05.2023). Mais sobre a Segunda Internacional, veja o texto do **Capítulo X – A segunda Internacional (1889-1914)** da autoria de Marx Beer (*in* BEER, Marx. **História do Socialismo e das Lutas Sociais Quarta Parte: As Lutas Sociais na Época Contemporânea**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/beer/ano/historia/p4cap10.htm>. Consultado em 11.05.2023).

29 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 73 e 74.

Texto 2: A polêmica em torno dos esquemas da reprodução [do capital] de Marx

Na percepção de Roman Rosdolsky, os conhecimentos metodológicos obtidos dos *Grundrisse* “devem lançar nova luz sobre antigas questões em litígio na economia marxista, sobretudo no que diz respeito ao controverso **problema dos esquemas da reprodução** do segundo tomo de *O capital* e do assim chamado **problema da realização**” (grifo nosso). Por isso, logo na primeira linha do Capítulo 30, que ora reproduzimos, afirma: “O objetivo deste trabalho é, antes de tudo, de **natureza metodológica**” (grifo nosso).³⁰

Uma vez delimitada a abordagem do Capítulo 30 da *Parte VII – Ensaios críticos* do livro *Gênese e estrutura de “O capital”*, em comento, o nosso autor ucraniano examina os problemas postos a partir das interpretações de marxistas das mais variadas correntes, como a polaco-alemã Rosa Luxemburgo; os russos Nikolai Bukharin, Nicolai Danielson, Sergei Bulgakov e Vladimir Lenin; o ucraniano Tugan-Baranovski; o tcheco-austriaco Karl Kautsky; os austríacos Rudolf Hilferding, Otto Bauer e Gustav Eckstein, além do polonês Henryk Grossmann.

Como uma introdução ao capítulo, Rosdolsky trata inicialmente sobre o que chama de “**aspecto formal**” (grifo nosso), ou **aspecto numérico**, dos esquemas marxianos apresentados no Livro II d’*O capital*. Para “ilustrar as **condições necessárias à reprodução do capital social total** [ou **capital social agregado**, digo eu]” (grifo nosso), como vimos no Folheto nº 10, Karl Marx repartiu a produção social da sua economia hipotética em dois grandes departamentos ou setores: o Departamento I que produz meios de produção e o Departamento II que produz bens de consumo. Em seguida, dividiu o valor dos produtos de cada departamento em capital constante (*c*) – meios de produção usados em um processo de produção –, em capital variável (*v*) – capital gasto em salários dos trabalhadores –, e em mais-valia (ou mais-produto) criada no processo produtivo (*p*). Por fim, investigou “como devem intercambiar-se os componentes do valor do produto de ambos os departamentos para que se possa avançar para a rodada [ano, digo eu] seguinte do processo produtivo”.³¹

Primeiramente, como estudamos no referido folheto, no que diz respeito à reprodução do capital, o filósofo alemão tratou das condições que viabilizam a reprodução simples, isto é, “a reprodução de quantidades constantes” do capital, e depois cuidou das condições que possibilitam a sua reprodução ampliada (estendida ou expandida).

Recordando. Na reprodução simples toda a mais-valia (ou mais-produto) é consumida pelo capitalista, não havendo acumulação de capital que possibilite a sua crescente reprodução nos anos seguintes. Dessa lógica, Marx deduziu a fórmula geral

³⁰ Idem, p. 371.

³¹ Ibidem, p. 371 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

do equilíbrio da reprodução simples, que retrata um crescimento da economia na mesma proporção de ano para ano: $cII = vI + pI$, onde cII é o capital constante usado no Departamento II e que deve ser equivalente à soma do capital variável (vI) e da mais-valia ou mais-produto (pI) do Departamento I.³²

Por óbvio, a fórmula apresentada não pode ser aplicada às condições da reprodução ampliada do capital, onde, ao contrário da reprodução simples, “uma parte da mais-valia, em vez de ser consumida pelo capitalista, é acumulada, ou seja, incorporada ao capital (constante e variável) de ambos os departamentos”. Dizendo de outro modo: na reprodução ampliada uma parte da mais-valia é incorporada ao capital constante, com incremento do investimento em meios de produção, e ao capital variável, com contratação de mais força de trabalho, em busca de sempre mais mais-valia – que é o objetivo único do capital. Nesse caso, a fórmula geral do equilíbrio da reprodução ampliada é outra: $cII + \beta cII = vI + \alpha I + \beta vI$, onde α é a parte da mais-valia destinada à aquisição de bens de consumo pelos capitalistas do Departamento I, βc a parte da mais-valia que deve ser acrescentada (portanto, acumulada) ao capital constante no período produtivo seguinte pelo Departamento II e βv a parte acrescentada ao capital variável do Departamento I. Esta fórmula foi desenvolvida pelo revolucionário russo bolchevique Nikolai Bukharin³³, a partir dos esquemas da reprodução do Capítulo XXI do segundo livro de *O capital*.

Feita esta breve explanação, vamos diretamente ao que Roman Rosdolsky aborda na primeira parte do capítulo trinta, onde está preocupado com

32 Ibidem, p. 372 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

33 A fórmula do equilíbrio da reprodução ampliada do capital elaborada por Bukharin, um crítico severo de Rosa Luxemburgo e de sua crítica aos esquemas de Marx, aparece em seu livro *Der Imperialismus und die Akkumulation des Kapitals*, de 1925 (Ibidem, p. 591, Nota 1). Nikolai Ivanovich Bukharin (1888–1938) “foi um revolucionário bolchevique russo, político soviético, filósofo marxista e prolífico autor sobre a teoria revolucionária”. Sua vida política começou aos dezesseis anos, quando participou de atividades estudantis na Universidade de Moscou relacionadas com a [Revolução Russa de 1905](#), precedente da [Revolução Russa de 1917](#). “Em 1911, depois de uma breve prisão, Bukharin foi exilado em Onega”, na própria Rússia, “mas logo escapou para Hanôver”, na Alemanha. “Durante o exílio, ele continuou sua educação e escreveu vários livros que o estabeleceram como um importante teórico bolchevique em seus 20 anos”. Com o advento da Revolução de Fevereiro de 1917, revolucionários exilados começaram a voltar para a Rússia, entre eles Bukharin. Em outubro de 1917, quando da Revolução Bolchevique, foi eleito para o [Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética](#) e tornou-se membro do [Politburo](#). “Na luta de poder subsequente [à revolução de outubro de 1917, esclarecemos] entre [Leon Trótski](#) (1879-1940), [Grigori Zinoviev](#) (1883-1936), [Lev Kamenev](#) (1883-1936) e [Stalin](#) (1878-1953) Bukharin se aliou com Stalin”, posicionando-se como centrista do Partido e apoiando a [Nova Política Econômica](#) (NEP), formulada por [Vladimir Lenin](#) (1870-1924), contra a [Oposição de Esquerda](#), que queria uma industrialização mais rápida, a escalada da luta de classes contra os [kulaks](#) (camponeses mais ricos) e agitação para a [revolução mundial](#). “Foi Bukharin que formulou a tese de ‘[Socialismo em um só país](#)’ [tese oposta à da revolução mundial, digo eu], apresentada por Stalin em 1925 [após a morte de Lenin, digo eu novamente]”. Esta tese defendia “que o socialismo (na teoria marxista, o estágio de transição do capitalismo para o comunismo) poderia ser desenvolvido em um único país, mesmo um subdesenvolvido como a Rússia. Esta nova teoria afirmou que a revolução não precisa mais ser encorajada nos países capitalistas, uma vez que a Rússia poderia e deveria alcançar o socialismo sozinha. A tese se tornaria uma marca do [stalinismo](#)”. “De 1926 a 1929, Bukharin teve grande poder como Secretário-geral do [Comintern](#) [ou Terceira Internacional, digo eu]. Mas a decisão de Stalin de proceder com a coletivização”, se afastando da NEP defendida por Bukharin, culminou com a sua expulsão do Politburo em 1929. “Quando a [Grande Purga](#) começou em 1936, algumas das cartas de Bukharin, conversas e telefonemas grampeados, indicaram deslealdade. Preso em fevereiro de 1937, ele foi acusado de conspirar para derrubar o estado soviético. Depois de um julgamento de exibição [...], foi executado em março de 1938” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin. Consultado em 11.05.2023).

o aspecto formal (numérico) dos esquemas da reprodução do Livro II. Quanto à descrição e análise numérica que Rosdolsky realiza, optamos por contorná-la e avançar para a descrição teórica dos problemas que encontrou neste campo.

Voltando-se para as críticas de Rosa Luxemburgo aos esquemas marxianos da reprodução ampliada do Livro II³⁴, Roman Rosdolsky discorre sobre o que qualificou como ataque violento de Rosa aos esquemas mencionados. Fazendo referência ao esquema de transição da reprodução simples para a ampliada, o autor ucraniano replica a acusação de Luxemburgo de que Marx “só podia obter ‘de forma clara as condições de acumulação do departamento I [produtor de bens de produção, digo eu]’, pagando o preço de uma ‘construção totalmente arbitrária das proporções do departamento II [fabricante de bens de consumo, digo eu novamente]’, que acumulava e consumia ‘sem nenhuma regra visível’, ‘de forma errática’, ‘por saltos’”. Já no caso do esquema da reprodução ampliada, segundo Roman, ela “admite que [...] a acumulação avança regularmente em ambos os departamentos, de modo que não têm lugar ‘mudanças arbitrárias na distribuição da mais-valia em II [Departamento II, digo eu]’”. Não obstante, Luxemburgo faz uma outra acusação dizendo “que também neste caso ‘a acumulação no departamento II é totalmente dependente e está totalmente dominada pela acumulação em I [Departamento I, digo eu mais uma vez], [...] de modo que I inicia e participa ativamente de todo o movimento de acumulação, enquanto II sofre esse movimento passivamente’”.³⁵

Em vista da primeira observação, o autor de *Gênese* demonstra matematicamente que no esquema de Marx da transição da reprodução simples para a ampliada, a acumulação não é “tão ‘errática’ ou avança tão ‘aos saltos’ no departamento II como parecia a Rosa Luxemburgo e como todos acreditaram até aqui”, diz ele.³⁶ Rosdolsky percebe um “erro ‘matemático’” da polaco-alemã que a levou a tal conclusão. Inclusive crê que Rosa “deve ter sido induzida a esse erro pela forma dos exemplos numéricos de Marx, que de fato”, segundo afirma, “parecem confusos”. Pelo mesmo motivo, aponta e demonstra que também Bukharin foi induzido a erro nas equações que deduziu da sua fórmula do equilíbrio geral da reprodução ampliada.³⁷ Apesar disso, Roman Rosdolsky considera a fórmula do equilíbrio geral de Bukharin como “muito útil”.³⁸

Passando para a segunda crítica, Roman recorre à economista inglesa Joan Robinson³⁹, encampando o que esta disse, quando “refutou de forma convincente

34 No que se refere especificamente à reprodução ampliada, ou processo de acumulação do capital, Marx trabalha com “dois diferentes estágios do desenvolvimento capitalista”, afirma Rosdolsky: o primeiro corresponde à **transição da reprodução simples para a ampliada**, retratada no esquema 1 do segundo livro d’*O capital*; o seguinte é referente “a uma etapa mais avançada do desenvolvimento capitalista”, exatamente a **reprodução ampliada do capital**, descrita no esquema 2, que “parte de uma [composição orgânica do capital](#) mais elevada” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 372 e 373).

35 Idem, p. 373.

36 Ibidem, p. 373 e 374.

37 Ibidem, p. 374.

38 Ibidem, p. 375.

39 Sobre a economista inglesa Joan Robinson (1903-1983), autora da introdução à edição inglesa do livro de

a segunda objeção [...] ao demonstrar que ‘a matemática é totalmente neutra em relação a ambos os departamentos’ e que o impulso para acumular pode emanar igualmente de ambos”.⁴⁰

Como o propósito deste texto é apresentar o **conteúdo** dos esquemas marxianos da reprodução do capital e também as respectivas controvérsias existentes sobre eles, como dito, não esmiuçaremos a demonstração matemática de Rosdolsky que embasam seus argumentos contrários à Rosa Luxemburgo e às ressalvas feitas à Bukharin. No fundo, o que está por trás da crítica de Luxemburgo é se os esquemas da reprodução de Marx **têm aderência à realidade ou não**. E isso nos interessa mais.

Nessa trilha, Roman Rosdolsky formula uma questão de mérito: “se, com a ajuda desses esquemas, Marx pretendia descrever (e, em caso positivo, em que medida) o que acontece na realidade capitalista concreta”.⁴¹

Ao tratar da questão da “aderência à realidade” dos esquemas marxianos da reprodução do capital, observamos que o nosso autor ucraniano faz uma espécie de divisão entre as correntes político-ideológicas dos intérpretes marxistas dos referidos esquemas e localiza a discussão na crítica desses intérpretes ao livro de Rosa Luxemburgo publicado em 1912, *A acumulação do capital*, onde, entre outros aspectos, a autora identifica a não aderência dos esquemas de Marx à realidade capitalista e o critica profundamente por isso, conforme vimos no Texto 1. Assim, Rosdolsky inicia sua análise por alguns dos que denomina de adversários **austromarxistas** de Rosa Luxemburgo: Karl Kautsky; Rudolf Hilferding, Otto Bauer e Gustav Eckstein⁴².

Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*, de onde Rosdolsky extraiu o trecho do parágrafo em Nota, e considerada uma das mais importantes economistas do século XX, veja <https://puraeconomia.blogspot.com/2005/03/joan-robinson-1903-1983.html>. Consultado em 11.05.2023.

40 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 373.

41 Idem, p. 375.

42 “Austromarxismo foi uma corrente marxista que se desenvolveu na Áustria, entre as décadas finais do *Império Austro-Húngaro* [1867-1918] e os primeiros anos da *Primeira República Austríaca* [1919-1938]”. Esta corrente “É conhecida pela sua teoria da *nacionalidade* e *nacionalismo*, e pela sua tentativa de conciliá-la com o socialismo no contexto imperial”. “Embora marcado pela tentativa de conciliar o socialismo com o nacionalismo austríaco, foi um movimento heterogêneo, abrigando em suas fileiras tanto pensadores *neokantianos* [...], quanto *marxistas ortodoxos*. Recebeu ainda a influência de correntes *positivistas* desenvolvidas na Áustria [...]”. “Em 1921, como via independente da *Segunda Internacional* e do *Comintern* [Terceira Internacional, digo eu], os austromarxistas fundaram a Associação Internacional dos Partidos Socialistas, que ficou conhecida como *2½ª Internacional ou Internacional de Viena*. Defendiam temas que mais tarde seriam tornados princípios da *social-democracia* europeia, como a universalização de serviços de saúde, habitação municipal e educação públicas. O austromarxismo inspirou movimentos posteriores como o *Eurocomunismo* e a *Nova Esquerda*, todos em busca de um meio-termo *socialista democrático* entre o *comunismo* e a *social-democracia* e uma forma de finalmente unir os dois movimentos (grifo do autor) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Austromarxismo>. Visto em 13.05.2023). Entre seus principais teóricos, destacamos os citados no parágrafo em Nota:

a) *Karl Kautsky* (1854-1938): importante teórico marxista techo-austríaco, fundador, em 1883, do principal periódico do movimento socialista da época *Die Neue Zeit* (*O novo tempo*). Foi amigo de Friedrich Engels e, inclusive, editor do *Livro IV – As teorias da mais-valia* da obra marxiana *O capital*, publicado em 1905, após a morte de Engels (1895). A partir de 1916, “pelas suas posições crescentemente reformistas e antirrevolucionárias”, tendo sido um dos fundadores da ideologia social-democrata, e em virtude das críticas ao *Bolchevismo* da União Soviética, acabou sendo descrito como “renegado” por Vladimir Lenin no seu panfleto clássico *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky. Consultado em 13.05.2023);

b) *Rudolf Hilferding* (1877-1941): economista e importante *reversionista marxista* austríaco, sendo um destacado

Na avaliação do autor de *Gênese*, os austromarxistas citados “sabiam perfeitamente que os esquemas de Marx haviam sido concebidos em um nível máximo de abstração e que, por isso, não incorporavam muitas características decisivas da realidade capitalista: classes e regiões não capitalistas, comércio exterior, taxa média de lucro, preços de produção diferentes de valores etc.”. Porém, ainda assim, continua Roman, “esses autores pretendiam ver, nos esquemas, a prova de uma **viabilidade econômica ilimitada da economia capitalista**”.⁴³

Examinando o que defende cada um daqueles marxistas austríacos, começando pelo fundador da escola autromarxista, Karl Kautsky, Roman destaca o duro ataque desferido à “hipótese” de Rosa Luxemburgo, “de que o capitalismo deve ruir por razões econômicas [o que corresponde à ideia da ‘derrocada’ do modo de produção capitalista, digo eu]”, e que, pensando assim, Rosa assumia, segundo Kautsky, “uma posição ‘oposta à de Marx, que demonstrou o contrário no segundo tomo de *O capital*, ou seja, nos esquemas da reprodução”⁴⁴.

Referindo-se a outro membro da escola autromarxista, Rudolf Hilferding, Rosdolsky o aponta como também opositor da “teoria da derrocada”⁴⁵ mencionada por Rosa Luxemburgo, cuja teoria, segundo crava, é sempre atribuída “erroneamente” a Karl Marx. Conforme Roman, Hilferding destacava que, seguindo esses esquemas, a produção e reprodução capitalista, simples ou ampliada, “se estende até o infinito [...] sem levar à superprodução de mercadorias”. Porém, condicionava tal resultado, acrescenta Roman, ao estabelecimento e manutenção de “proporções corretas [de capital, digo eu] entre os diversos setores produtivos”. Só assim, a produção e reprodução do capital poderia “prosseguir sem perturbações”. Como podemos observar, o referido autromarxista opõe-se também à “teoria da derrocada” mencionada por Rosa Luxemburgo. Para ele, o Livro II “demonstra como, no sistema capitalista, é possível haver produção em uma escala cada vez mais ampliada”. Sua tese era sustentada no pilar da proporcionalidade entre os setores da economia,⁴⁶ negando, com base nesses esquemas, que a crise de superprodução e,

líder da social-democracia alemã durante a [República de Weimar](#). “Hilferding foi um dos proponentes de uma leitura ‘econômica’ de Karl Marx, identificando-se com o chamado austromarxismo. [...] Participou também do ‘Debate da Crise’ – rebatendo a teoria de Marx acerca da instabilidade e eventual colapso do capitalismo, argumentando que a concentração [acumulação, digo eu] do capital estaria caminhando para a estabilização” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hilferding. Consultado em 13.05.2023);

c) [Otto Bauer](#) (1881-1938): foi um social-democrata austríaco, considerado um dos principais pensadores da corrente socialista austromarxista. Ele foi uma inspiração tanto para o movimento da Nova Esquerda como para o Eurocomunismo, nas tentativas destes para encontrar uma ‘terceira via’ para o socialismo democrático” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Bauer. Consultado em 13.05.2023).

d) [Gustav Eckstein](#) (1875-1916): foi também um socialista revisionista marxista austríaco, seguidor de Karl Kautsky e grande crítico do livro *A acumulação do capital* de Rosa Luxemburgo (Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav_Eckstein. Consultado em 13.05.2023).

43 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 375 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

44 Roman Rosdolsky chama a atenção para o fato de que Kautsky só chegou a essa interpretação “depois da Primeira Guerra Mundial”, em sua obra *Materialistische Geschichtsauffassung* (Ibidem, p. 375).

45 Mais detalhes sobre a “teoria da derrocada” veremos adiante na análise do conteúdo da crítica de Rosa Luxemburgo.

46 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 376 e 402. Rosdolsky chama novamente a atenção para o fato de que o mais tarde discípulo de Karl Kautsky, Rudolf Hilferding, em 1909, no livro *O capital financeiro*, já defendia tal posição antes daquele (Ibidem, p. 375 e 376).

por conseguinte, de realização da produção social e da mais-valia, “deva ter origem em um subconsumo das massas, inerente à produção capitalista”. Aliás, não se pode depreender dos “esquemas em si” de Marx “a possibilidade de uma superprodução geral de mercadorias. Ao contrário, pode-se mostrar que é factível qualquer aumento da produção que possa ser feito, em geral, com as forças produtivas disponíveis”.⁴⁷

Roman Rosdolsky, referindo-se ao último ponto da manifestação de Hilderfing, dá razão a ele: por uma questão metodológica, “dos ‘esquemas em si’ não se depreende a possibilidade da superprodução, já que eles só investigam as condições de um transcurso normal da reprodução, sem perturbações”. Mas, exatamente por isso, complementa Roman, “é impossível deduzir desses esquemas a impossibilidade da superprodução”.

É certo, na percepção do nosso pensador ucraniano, que aquele austromarxista “não nega os fatos empíricos da superprodução e do subconsumo das massas, nem o papel que esses fatos desempenham como elementos das crises reais”. O que pretende demonstrar em última instância “é a relação de proporcionalidade entre os diversos setores produtivos”. Só isso importa para Hilferding. É daí que surge a sua “teoria das desproporções”, bem como “sua recusa de qualquer teoria da derrocada”.

Inserindo Marx nesse trecho da explanação sobre Rudolf Hilferding, Roman recorda o **ponto central das crises** na visão de Karl Marx: “Quase tudo que Marx escreveu sobre as crises pretendia demonstrar que a **superprodução** periódica e recorrente constitui ‘o **fenômeno fundamental da crise**’ e que essa superprodução tem sua ‘**razão última**’ na ‘**pobreza e no consumo restrito das massas**’”.⁴⁸

Ora, exclama Rosdolsky, “tudo isso [que Marx disse, digo eu] talvez seja válido no grosseiro mundo dos fatos, mas não no mundo ‘em si’ dos esquemas”. O eixo principal da análise de Marx transcrito acima consta nos Livros III e IV da obra maior marxiana, e não no Livro II, onde, como visto, Marx examinou abstratamente o capital e o seu movimento, o “capital em geral”, e não o capital real ou concreto, que tratou nos dois livros seguintes. É neste contexto metodológico que Karl Marx apresentou seus esquemas da reprodução social global do capital no segundo tomo. Por ser assim, a economia hipotética marxiana do Livro II simplesmente “não pode produzir valores de uso em excesso, bens em excesso, e [...] tem o poder de corrigir qualquer escassez de bens de consumo mediante uma distribuição mais proporcional da produção”.⁴⁹

É precisamente na sociedade capitalista real, uma sociedade de classes “na qual”, descreve Marx, “a maioria dos produtores permanece mais ou menos restringida ao necessário [meios de subsistência realizado pelos salários, advindos do trabalho necessário, ou trabalho pago, recordamos], [...] ou seja, fica mais ou menos excluída do consumo da riqueza”, quando esta excede “o âmbito dos meios de vida necessários”,

47 Ibidem, p. 402 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

48 Ibidem, p. 402 e 403.

49 Ibidem, 403 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

é que significa “exatamente encontrar-se em situação de ‘subconsumo’”; enquanto, “[...] de outro lado, a classe dominante (diferentemente das classes dominantes de épocas passadas) subordina seu próprio consumo à ânsia de valorização [a busca ilimitada por acumulação do capital, digo eu], desempenhando, no fundo, o papel de ‘produtora de superprodução’”.

Concluimos com o que assenta o autor de *Gênese*: “Por isso, nessa sociedade [investigada por Marx, digo eu] devem produzir-se crises de superprodução periódicas, mesmo que prevaleça a mais perfeita proporcionalidade entre os setores produtivos”. Isso é tudo que nos interessa no momento sobre Rudolf Hilderfing. Nas páginas seguintes da análise do ponto de vista desse automarxista sobre os esquemas marxianos da reprodução do capital social global e seus desdobramentos, Roman Rosdolsky vai detalhar como Hilderfing demonstra isso em seu livro. Pularemos esta parte.⁵⁰

Cada um a sua maneira, os também austromarxistas Otto Bauer e Gustav Eckstein caminharam na mesma direção dos seus colegas. Otto vê nos esquemas de Marx, segundo Roman, a confirmação da “ilimitada capacidade de expansão do modo de produção capitalista”. Eckstein, mais prudente, diz, que os esquemas marxianos “[...] definitivamente, só demonstram a *possibilidade* do equilíbrio” da economia capitalista (grifo do autor), “[...] demonstram”, continua ele, “como a produção capitalista teria de avançar se quisesse permanecer em equilíbrio; demonstram a magnitude da necessidade social dos diversos tipos de produtos”.⁵¹

Da visita que fez aos automarxistas, o autor de *Gênese* conclui dando razão ao que Henryk Grossman⁵² escreveu: “Os novos defensores da harmonia idealizam o esquema do equilíbrio não porque seja um excelente instrumento metodológico para a análise, mas sim porque – confundindo o método de investigação com os fenômenos a investigar – acreditavam deduzir dos esquemas do equilíbrio uma tendência do capitalismo ao equilíbrio”. Na visão de Rosdolsky, a interpretação errônea dos austromarxistas dos esquemas da reprodução do capital de Marx se deve não só ao rechaço instintivo à “ideia de uma derrocada econômica da ordem social vigente [...]”, imersos que estavam “na *práxis* reformista”, mas também à “escassa compreensão que esses autores tinham da metodologia econômica de Marx”.⁵³ Pode-se afirmar, nas pegadas do nosso autor ucraniano, que confundem “um exemplo matemático”, como utilizado por Marx em sua economia hipotética, “com uma demonstração teórica”, confundem “a esfera do ‘abstrato’ com a do ‘concreto’”.⁵⁴

Roman Rosdolsky prossegue. Sem entender que estas duas esferas dos

50 Ibidem, p. 403 e 404.

51 Ibidem, p. 376 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

52 Henryk Grossman (1881-1950) foi um economista, historiador e revolucionário marxista polonês. A principal contribuição de Grossman para a teoria político-econômica foi seu estudo da teoria marxista da crise apresentado no livro *A Lei da Acumulação e Quebra do Sistema Capitalista* (1929) (Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman. Consultado em 14.05.2023).

53 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 377.

54 Idem, p. 376.

fenômenos investigados (esferas abstrata e concreta) são ligadas por “uma ‘ponte’ qualitativa”, por uma “intermediação dialética”⁵⁵, é de se pensar que o modelo teórico marxiano “contém, simplificados, todos os elementos essenciais do objeto concreto investigado, do mesmo modo que, por exemplo, uma fotografia tomada de grande altura revela todos os elementos fundamentais de uma paisagem, mesmo que na fotografia só sejam visíveis cadeias montanhosas, grandes rios, florestas etc.”. Concebida assim a relação entre o “abstrato” e o “concreto”, “ignoramos a necessária ‘contradição entre a lei geral [abstrata, digo eu] e relações concretas mais desenvolvidas’. Caímos na ilusão de que a imagem abstrata reflete as condições concretas, sem ‘mediações’”. Na visão de Rosdolsky, foi esta “a fonte metodológica do erro dos críticos austromarxistas de Rosa Luxemburgo”. Esqueceram **“que as fórmulas abstratas do segundo tomo de *O capital* só constituem um ‘etapa da análise’, motivo pelo qual não se pode aplicá-las diretamente à realidade capitalista concreta [...]”** (grifo nosso).⁵⁶

Encerrando com os austromarxistas, Roman introduz mais um aspecto essencial para o entendimento dos esquemas da reprodução de Karl Marx: a **hipótese fundamental desses esquemas**.

No Folheto nº 02 reproduzimos o que Roman Rosdolsky descobriu nos *Grundrisse* sobre o papel do **valor de uso** na economia de Marx. Para o referido autor ucraniano, esta categoria **“também influi nas relações da reprodução social** [do capital, digo eu]”⁵⁷ (grifo nosso). Sob esta ótica, de acordo com Roman, “Marx tem em vista a antítese [...] entre valor de uso e valor de troca [no sentido de valor ou valor econômico ou intrínseco, digo eu], que já encontramos quando analisamos o valor e o dinheiro, mas que invade todo os sistemas da economia burguesa”.⁵⁸

No exame da reprodução do capital social global (capital social agregado) e do valor dos seus produtos é preciso considerar, ensina Marx, segundo Rosdolsky, “A reconversão de uma parte do valor do produto em capital [produtivo, digo eu] e a entrada

55 Sobre o termo “intermediação” ou “mediação dialética”, veja o texto **Mediação numa perspectiva dialética** (in PEIXOTO, Joana. **Artigo Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação**. Cuiabá-MT: Revista Educação Pública, v. 25, nr. 591/1, 2016, p. 403-405. Disponível em

https://node1.123dok.com/dt05pdf/123dok_br/original/2020/12_28/wrveci1609151344.pdf?X-Amz-Content-Sha256=UNSIGNED-PAYLOAD&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=7PKKQ3DUV8RG19BL%2F20230522%2F%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20230522T222422Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=0a66dff2c4bf1f045789b0878d33e7043729bae67591e46b3a6a4b29ee3dffa3. Consultado em 14.05.2023.

56 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 377 e 378.

57 No Capítulo 3 (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do **Folheto nº 02** reproduzimos a análise contida em *Gênese e estrutura de “O capital”* sobre o papel do valor de uso na economia de Marx e como esta categoria influi nas relações da reprodução social.

58 Idem, p. 378 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). **“Valor” ou valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria** é o valor medido através do **tempo de trabalho socialmente necessário**, do **tempo de trabalho humano abstrato** objetivado na mercadoria, ou seja, o tempo de trabalho social padrão para produzir uma mercadoria, que possibilita a troca de bens qualitativamente distintos por meio de um equivalente geral, o dinheiro. No citado capítulo três do Folheto nº 02 tratamos da definição de mercadoria, da substância do seu valor (o tempo de trabalho socialmente necessário ou trabalho social ou, ainda, tempo de trabalho abstrato socialmente determinado), além da distinção entre valor de uso, valor (valor econômico ou valor intrínseco) e valor de troca. Sobre a mencionada antítese entre valor e dinheiro, veja o **Capítulo 5 (A transição do valor ao dinheiro)** do Folheto nº 04.

de outra parte no consumo individual da classe capitalista, assim como da classe trabalhadora [...]”. Essas duas situações, continua o filósofo alemão, “configuram um movimento dentro do próprio valor do produto, movimento que expressa o resultado do capital global; tal movimento é não só reposição de valor [no sentido de que parte da mais-valia é aplicada no novo processo produtivo e no mercado de consumo, digo eu], mas também de matéria [reposição de meios de produção e de meios de vida (bens de consumo), digo eu]; daí que esteja condicionado tanto pelas proporções relativas dos componentes de valor do produto social quanto por seu valor de uso, sua figura material”.

Quando Karl Marx analisou o processo de produção e circulação do capital individual, parecia ser, de acordo com Roman, “que à produção capitalista interessava apenas a formação do valor [cuja substância é o trabalho abstrato socialmente necessário, digo eu] e da mais-valia. Porém, ao considerar a reprodução do capital social, vemos que essa formação do valor e da mais-valia encontra um obstáculo que não havíamos levando em conta: o obstáculo do ‘**valor de uso em escala social**’” (grifo nosso).⁵⁹

Para que o capital total seja reproduzido, o capitalista “deve dispor não só de um fundo de valores, mas também dispor desses valores em uma forma de uso determinada – na forma de máquinas, matérias-primas e meios de subsistência – e nas proporções exigidas pelas técnicas de produção”. Porém, isso não significa “que, em última instância, o sistema econômico capitalista tenha como finalidade satisfazer as necessidades sociais de produção e de consumo”. Longe disso. “O traço mais evidente desse sistema é – e segue sendo – sua busca insaciável de lucros crescentes. Por isso, só se produzem ‘bens’, ou valores de uso, que também sejam, ao mesmo tempo, valores; e as necessidades humanas só são satisfeitas na medida em que isso incremente a mais-valia”.⁶⁰

Por certo os trabalhadores (“os criadores de toda a riqueza social”, crava Rosdolsky) possuem grandes e sempre crescentes necessidades materiais, mas, como vimos alhures, só podem satisfazê-las se vender sua força de trabalho, ou, antes, como bem lembra o autor de *Gênese*, “se sua força de trabalho for uma mercadoria vendável no mercado”; todavia, “ela só é vendável se for capaz de criar mais-valia”. Também é certo que, no caso dos “fatores objetivos” da produção, os meios de produção, ocorre movimento semelhante: “máquinas e instrumentos de produção, mesmo os mais aperfeiçoados, só são empregados se podem aumentar a taxa de lucro”. Por fim, “também ‘o capitalista total’ está restringido em suas comodidades e fruições pela necessidade da acumulação permanente de capital [se acumula ou se consome o capital excedente (mais-valia) e em que proporção, digo eu]”.

Assim sendo, conforme pontua Roman, “do ponto de vista do processo da reprodução social, a categoria valor aparece condicionada pela categoria valor de uso, mas, na economia capitalista, esta última se encontra totalmente submetida ao valor e

⁵⁹ Idem, p. 378 e 379.

⁶⁰ Ibidem, p. 379 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

à formação do valor. Quando falamos da reprodução do capital social global, tal como Marx a investiga, não devemos perder de vista essa convivência de finalidades contraditórias, essa constante inter-relação das categorias valor e valor de uso, que, não obstante, devem ser reconciliadas”.

Os esquemas marxianos, segundo o nosso pensador ucraniano, por serem “um modelo muito abstrato e muito simples”, apresentam “a solução dessa antinomia”. É o que eles demonstram “ao dividir toda a produção social em dois grandes departamentos [...] e fazer com que ambos trabalhem um para o outro. Para poder repetir o processo produtivo, cada departamento deve conseguir repor o valor de seus elementos de produção; mas só pode fazê-lo se toma uma parte desses elementos do outro departamento, em uma forma material apropriada. Por outro lado, cada departamento só pode lograr a posse dos valores de uso de que necessita se os obtém do outro, mediante intercâmbio de equivalentes de valor. Esta dependência recíproca de ‘substituição do valor’ e ‘substituição de material’ se expressa claramente nos esquemas da reprodução; mas os esquemas só podem exibir essa dependência se separarem estritamente os departamentos e limitarem suas relações mútuas, exclusivamente, ao intercâmbio de valores equivalentes”.⁶¹

Diante da “suposta ‘rigidez’ das premissas fundamentais”, do sentido e das condições restritas desses esquemas, não próximos da realidade concreta, Roman Rosdolsky lança uma pergunta plausível: “por que usar um modelo teórico para explicar a possibilidade de solucionar o conflito entre valor de uso e valor, tal como se manifesta no processo de reprodução social, se na prática capitalista essa solução se impõe cotidianamente, mediante o ajuste dos preços das mercadorias à demanda social, mediante a falência de empresas individuais etc.?”. Ele mesmo responde, citando Marx: “De fato, as coisas se passam assim. Mas a prática capitalista mostra o fenômeno das **crises econômicas**, que expressam a impossibilidade – periodicamente recorrente – de resolver o conflito; nelas ‘irrompem as contradições e antinomias da produção burguesa’” (grifo nosso).⁶²

É desse ponto de vista que há, conclui Rosdolsky, “interesse teórico em saber em que medida pode-se superar, em princípio, a antinomia de valor de uso e valor de troca [no sentido de valor ou valor econômico ou valor intrínseco, digo eu] na ordem econômica capitalista”. Os esquemas da reprodução do Livro II que foram “construídos para responder a essa questão, podem prestar excelentes serviços”.

Portanto, como assenta Roman Rosdolsky, a hipótese fundamental dos esquemas marxianos da reprodução consiste no seguinte: “**para que se mantenham as condições de equilíbrio da reprodução do capital social global, as relações de troca entre os dois grandes departamentos da produção social devem ser coerentes, tanto do ponto de vista do valor como do valor de uso**” (grifo nosso).

61 Ibidem, p. 379 e 380.

62 Ibidem, p. 380 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Avançando, o Capítulo 30 faz agora um cotejo entre os **esquemas da reprodução e o problema da realização da mais-valia** [da transformação da mais-valia obtida no processo de produção em dinheiro, digo eu],⁶³ incluindo a solução marxiana para o problema da realização da mais-valia e as colocadas pelos economistas já mencionados em Nota anterior, Stuart Mill, David Ricardo, Jean-Baptiste Say, bem assim por Jean Sismondi⁶⁴.

Os esquemas marxianos da reprodução do capital “devem demonstrar não só como se repõem as partes componentes do valor anual do produto social ($c + v + p$), mas

63 Rosdolsky inicia esse assunto fazendo menção ao *Tableau Économique* do **fisiocrata** francês **François Quesnay** [1694-1774], revelando que Marx, com os esquemas da reprodução do capital, também tinha o objetivo, que o nosso autor ucraniano adjetiva como “objetivo principal”, de “esboçar um novo *Tableau Économique* que reunisse ‘os incontáveis atos individuais de circulação’ que ocorrem na superfície da sociedade burguesa ‘em seu movimento social característico’, descrevendo a ‘circulação que envolve grandes classes econômicas da sociedade, funcionalmente determinadas’”. Apesar de que vários aspectos do trabalho de Quesnay diferenciassem do de Marx, desde a não complexidade da tarefa de Quesnay, tratando “apenas da reprodução simples”, até a ainda coincidência em seu tempo entre valor e valor de uso, não existindo a questão da “antinomia fundamental entre valor de uso e valor de troca”, ainda assim o filósofo alemão tinha esse intento na mente. Disse Karl Marx em relação ao *Tableau* de Quesnay, que, segundo Roman, “vale para os esquemas da reprodução do segundo tomo [Livro II d’*O capital*, digo eu]: “eles também pretendem ‘representar todo o processo de produção do capital como processo de reprodução’ (aparecendo a circulação como uma mera forma deste último processo), incluindo ao mesmo tempo, neste ciclo, não só ‘a origem da renda e o intercâmbio entre capital e renda’, mas também ‘a relação entre o consumo reprodutivo e o consumo final’, bem como ‘a circulação entre consumidores e produtores’” (Ibidem, p. 380 e 381).

“O *Tableau économique* (em português, ‘Quadro econômico’) é um modelo econômico descrito por François Quesnay, em 1759, que estabeleceu as bases da teoria econômica dos fisiocratas. Quesnay acreditava que o comércio e a indústria não eram fontes de riqueza, e em vez disso em seu livro *Tableau économique* argumentou que os *excedentes agrícolas*, fluindo através da economia sob a forma de aluguel, salários e compras, formam o *real motor econômico*. Em primeiro lugar, disse Quesnay, o regulamento impede o fluxo de renda em todas as classes sociais e, portanto, o desenvolvimento econômico. Em segundo lugar, os impostos sobre as classes produtivas, tais como agricultores, devem ser reduzidos em favor de aumentos para as classes improdutivas, tais como proprietários de terras, que com sua forma de vida luxuosa, distorciam o fluxo de renda. Além disso, o *Tableau* pode ser compreendido como a síntese visual das ideias econômicas desenvolvidas pelo sistema filosófico fisiocrático, pois ele trata da representação geométrica das regras que regem a *ordem natural*” (grifo do autor). “O *tableau économique* é creditado como a ‘primeira formulação precisa’ de sistemas interdependentes na economia e da origem da teoria da multiplicador na economia” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau_%C3%A9conomique. Consultado em 15.05.2023).

64 Jean Charles Léonard Simonde de Sismondi (1773-1842), “foi um historiador, ensaísta político e economista suíço”, de origem burguesa, que, influenciado por **Adam Smith**, abraça o liberalismo econômico até 1819, quando publica *Novos princípios de Economia Política*, aludindo, pela primeira vez, “à necessidade de redistribuição das riquezas”. Segundo ele, “longe de assegurar o bem-estar de todos, o liberalismo econômico aumenta a miséria dos trabalhadores porque: a concorrência exerce uma pressão no sentido da redução dos custos de produção e portanto sobre os salários; e o ritmo elevado do progresso técnico faz com que os antigos resistam na base da redução de preço e, portanto, dos salários”. “Há, portanto, uma contradição: a mecanização leva ao desemprego e permite uma produção em massa que os trabalhadores não podem comprar, do que resulta em excesso de produção”. As suas opiniões foram criticadas por autores liberais. Na segunda edição de *Novos princípios*, ele reitera sua crítica do liberalismo econômico, “particularmente no que diz respeito às crises de superprodução que afetaram gravemente a Inglaterra”. Perante esta situação, “Sismondi apresenta um programa de intervenção do Estado tendo por objetivo a proteção da classe trabalhadora, a luta contra os excessos da concorrência e a regulação do progresso para evitar o desemprego: garantia profissional, de modo que o patrão é responsável pelo trabalhador doente ou desempregado; fim da dissociação trabalho/propriedade, pelo retorno ao artesanato e à pequena exploração agrícola”. “As suas posições foram parcialmente criticadas por Karl Marx, que o considerou como o líder do ‘socialismo pequeno-burguês’ e por Lenin que o designou de ‘socialista romântico’”. “Ainda que dizendo-se discípulo de Adam Smith, criticou a **Lei de Say** (em vez de negar a possibilidade de superprodução, ele explicou-a por três fatores: o subconsumo, a concorrência e a incerteza da previsão pelos mercados) e apelou à intervenção do Estado. Não é portanto considerado um ‘clássico’, sendo normalmente referido como **socialista utópico**, precursor de **Schumpeter** [1883-1950] pelos seus trabalhos sobre o progresso técnico e, de acordo com outros autores, por ser social democrata”. “Sismondi é o primeiro a dizer que *tudo o valor vem do trabalho*, porque é o único a adicionar valor a um produto. Ele critica a teoria de Adam Smith que atribui o valor de uma mercadoria à quantidade de trabalho que

também como uma parte da mais-valia produzida pode ser dirigida à ampliação da produção capitalista, o que naturalmente pressupõe o intercâmbio regular desses componentes do valor e sua realização [venda, digo eu] no mercado. Nesse sentido, **os esquemas da reprodução do segundo tomo podem ser considerados como uma solução (provisória) do assim chamado problema da realização**” (grifo nosso). Nesta altura do nosso estudo dos problemas da superprodução e da realização, dos problemas das crises e também da reprodução do capital, tal conclusão parece óbvia. Mas o que o autor ucraniano pretende aqui é registrar “três soluções para o problema da realização” apresentadas pela história da economia política.⁶⁵

A primeira remonta a Mil, Ricardo e Say. Rosdolsky formula que todos eles acreditavam que a solução do problema da realização da mais-valia estava em equiparar “a produção capitalista à produção mercantil simples”, reduzindo esta última, “ingenuamente, ao mero intercâmbio de produtos”. Para aqueles economistas clássicos, “cada ato de produção [...] cria sua própria demanda”. Como, no final, “os produtos são sempre intercambiados por produtos [$M_1-D_1-M_2$, processo vender para comprar do ciclo da produção mercantil simples, onde M_1 =mercadoria vendida, D =dinheiro e M_2 =outra mercadoria (mercadoria comprada), recordamos], existe um ‘equilíbrio metafísico’ entre compradores e vendedores. Por isso, todas as mercadorias podem ser vendidas no mercado, sempre que sejam produzidas em quantidades corretas, em proporções corretas”. Para eles, a rigor, o problema da realização “não existia”. A questão se reduzia “ao problema da proporcionalidade entre os diversos setores da produção social”.

Chamando o economista suíço Jean Sismondi para o debate, “um crítico contemporâneo da escola clássica”, considerado “o primeiro economista burguês a tomar consciência do caráter especificamente histórico do modo de produção capitalista”, Roman Rosdolsky realça a diferente posição que defendia: “Sismondi percebia que as mercadorias que apareciam no mercado não eram ‘produtos’ puros e simples, mas sim produtos do capital”. O economista suíço já enxergava que o proprietário do capital, quando da produção, “obtem um incremento de valor (*mieux valeur*) não ‘porque o produto de sua empresa contém mais que os custos de produção completos, mas sim porque não paga esses custos de produção completos, pois não dá ao trabalhador um salário suficiente em troca de seu trabalho’”. Reconhecendo que o “acréscimo de valor, ou ‘mais-produto’, constitui a fonte da acumulação do capital”, conforme Roman, aquele economista via aí uma “dificuldade insuperável”: “como o mais-produto pode ser

ela pode exigir e faz da divisão do trabalho e da extensão dos mercados a fonte da produtividade. Para Sismondi, *o capital é trabalho acumulado*. O trabalho apenas acrescenta valor quando se acumula em capital, ou seja, se houver um valor líquido (um excedente, um lucro) uma vez que estejam pagas todas as despesas, em particular os salários. Uma produção que é consumida inteiramente em salários não acrescenta nenhum valor, não é produtiva, não faz mais do que reconstituir e perpetuar um ciclo sem sair dele. Acrescentar valor é acrescentar capital fixo, máquinas, armazéns, às forças cegas da natureza que redirecionadas pela inteligência e habilidade, etc. são portanto a riqueza futura. Este capital apenas produz se for fecundado pelo trabalho, que o põe em movimento. Sismondi acrescenta que o excedente, o lucro, é capturado pelos ricos, que são os donos do capital e, por esse facto, podem decidir sozinhos a partilha do valor acrescentado, e da riqueza. Eles também decidem o que é produzido. Neste caso, no século XIX, produzem bens de luxo que não têm quaisquer utilidade para os trabalhadores, que, colocados em competição pelo capital, veem os seus salários cair e se afundam na pobreza. Estas teses serão amplamente retomadas por Marx” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Sismondi. Consultado em 15.05.2023).

65 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 381 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

vendido, se os trabalhadores que o produziram só podem recomprar uma parte do produto, correspondente ao salário recebido, e se, por outro lado, os capitalistas não consomem todo o mais-produto, já que uma parte dele deve ser capitalizada?”. “Em última instância, pensava”, prossegue Rosdolsky, “a realização do mais-produto seria impossível, a menos que ele fosse vendido no exterior”.⁶⁶

Segundo o autor de *Gênese*, “Marx não negava que a realização da mais-valia constitui um dos problemas mais espinhosos da economia burguesa”. Entretanto, discordava “categoricamente” do economista suíço quanto à possibilidade da realização. Pregava que “de fato a produção capitalista cria seu próprio mercado; nesse sentido, ‘resolve’ a dificuldade da realização da mais-valia. Mas não a resolve completamente, não consegue aboli-la. Apenas ‘cria forma’ dentro da qual ela pode mover-se, remetendo a dificuldade da realização ‘a uma esfera mais ampla’, ao abrir espaços de manobra mais dilatados”.

Marx via que a produção capitalista constantemente tende a suplantir os seus próprios limites (“os da queda da taxa de lucro e da desvalorização do capital”, conforme cita Rosdolsky), porém “só consegue isso”, afirma o filósofo alemão, “mediante caminhos que recolocam os mesmos limites, em escala ainda mais formidável”.⁶⁷

Uma solução dialética para o problema da realização, segundo Roman Rosdolsky, inspirado em Marx, “exige o progresso do modo de produção capitalista, a constante extensão de seus mercados interno e externo”. Nessa linha, continua o ucraniano, “a reprodução ampliada do capital nem é ‘impossível’ (como imaginava Sismondi) nem pode prosseguir até o infinito (como acreditavam os clássicos), pois o modo de produção capitalista deve reproduzir suas contradições internas em uma escala cada vez mais elevada, até que a ‘espiral’ do desenvolvimento capitalista (imagem tomada de Sismondi) chegue ao fim”.⁶⁸

Até o momento, na parte introdutória do capítulo trinta, reproduzimos os debates em torno dos esquemas da reprodução marxianos, e também do problema da realização da mais-valia, protagonizados por Rosa Luxemburgo, pelos economistas austromarxistas, pelos clássicos e pelo suíço Jean Sismondi. A partir de agora, Rosdolsky expõe, na segunda parte do capítulo, como este debate se deu entre os russos, precisamente entre os “**Narodniki**”⁶⁹

66 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 382 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

67 Ibidem, p. 592 Nota 29.

68 Ibidem, p. 382.

69 “Narodniks” ou “populistas russos” foi o nome dado aos “membros das elites urbanas cultas da Rússia, aderentes ao [socialismo agrário](#), que, durante as décadas de 1860 e 1870, idealizaram um regresso à vida no campo, inspirados no romantismo, em [Rousseau](#) e [Alexandre Herzen](#). O [populismo](#) surgiu na Rússia por volta de 1870, e seus prosélitos eram intelectuais militantes que pretendiam basear o poder e o controle coletivos de comunidades rurais na [democracia direta](#), distante da burocracia e do autoritarismo [tsarista](#). Os populistas russos foram inspiradores do [Comunismo](#), embora tenham sido posteriormente criticados pelos comunistas. O seu movimento ficou conhecido como o *Narodnichestvo* (ou *Narodismo*). O termo deriva da expressão russa ‘Khojdenie v narod’, ‘Ir para o povo’. Este movimento terminou num rotundo fracasso. Em breve eles foram confrontados com uma realidade rural que era bem diferente da idealizada. Os intelectuais idealizadores deste movimento concluíram que

e os “**Marxistas legais**”⁷⁰ (grifo nosso).

Diferentemente da Europa Ocidental e Central, onde “nenhum motivo social, ligado aos processos em curso, impelia os teóricos da Segunda Internacional a discutir os temas tratados na seção III [A reprodução e a circulação do capital social total, completamos] do segundo tomo de *O capital*”, a situação da Rússia era bem outra. Ali, quando da publicação do Livro II na Alemanha, em 1885, já havia no seio da “intelectualidade progressista” um agitado “debate em torno da **possibilidade** e da **necessidade** do **desenvolvimento do capitalismo** na Rússia” (grifo nosso). Apropriando-se das análises de Marx do segundo livro, de um lado do debate estavam os *narodnikis*, “que questionavam essa possibilidade”, e também sua necessidade, de outro estavam os *marxistas legais*, “que a afirmavam”.⁷¹ O tradutor da obra maior marxiana para o russo, Nicolai Danielson⁷², o mais importante teórico *narodniki*, na classificação do autor de *Gênese*, por volta de 1887 em diante, trocou intensa correspondência com Friedrich Engels sobre o assunto, objetivando escrever um livro que oferecesse ao leitor “uma explicação”, segundo ele, “de nossa [da Rússia, digo eu] vida econômica e de suas

os camponeses russos não eram os seus aliados numa revolta vindoura. Terminado este capítulo romântico no campo, alguns destes intelectuais russos enveredaram por uma nova estratégia: o **terror**, com a criação do movimento *Terra e Liberdade* (*Sêmliá i Vólia*) em 1876. Em vez dos camponeses no campo, estes revolucionários procuraram o apoio dos camponeses nas cidades (a urbanização na Rússia avançava a passos largos após a libertação dos *servos* em 1861). O *proletariado*, mesmo sendo uma minoria na Rússia, mostrou-se mais favorável a estes ideais” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narodnik>. Consultado em 15.03.2023). “Os *narodniks* geralmente acreditavam que era possível abandonar a fase capitalista do desenvolvimento da Rússia e avançar diretamente para o socialismo. [...] A filosofia e as ações dos *Narodniks*, portanto, ajudaram a preparar o caminho para as *revoluções russas de 1905 e 1917*. (Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Narodniks>. Consultado em 15.05.2023).

70 “Marxistas legais”, ou “*Marxistas jurídicos*”, foi uma “Corrente político-social surgida nos anos 90 do século passado [século XIX], no seio da intelectualidade liberal burguesa da Rússia. *Struve* (1870-1949), *Bulgákov* (1871-1949), *Túgan-Baranóvski* (1865-1919) e outros, apresentando-se como partidários do marxismo, escolheram da doutrina de Marx unicamente a sua teoria sobre a inevitabilidade da substituição da formação socioeconômica feudal pela capitalista. Desta maneira rejeitaram completamente a «alma» do marxismo, isto é, a doutrina sobre a queda inevitável do capitalismo, sobre a revolução socialista e sobre a transição para o socialismo. Os «marxistas-legais» criticavam na imprensa legal os populistas [os *narodnikis*, digo eu], que negavam a inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Posteriormente, os «marxistas legais» converteram-se em inimigos do marxismo, tornando-se membros do partido burguês dos democratas-constitucionalistas. Os «marxistas legais» também eram chamados de ‘Críticos russos’” (Disponível em https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/marxismo_legal.htm#:~:text=Os%20C2%ABmarx%20C3%ADstas-legais%20BB%20criticavam%20na%20imprensa%20legal%20os%20populistas%20C,marxismo%20C2%20tornando-se%20membros%20do%20partido%20burgu%C3%AAs%20dos%20democratas-constitucionalistas. Consultado em 15.05.2023). Concomitantemente, foram reconhecidos como oponentes dos marxistas revolucionários russos e da doutrina *marxista-leninista* (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovskii. Consultado em 15.03.2023).

71 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 383.

72 Nikolai Frantsevich Danielson (1844-1918) “foi um economista, publicitário e um dos teóricos do populismo liberal russo. Ele também é famoso por suas traduções de *O Capital* de Marx, e por ser um escritor sobre o desenvolvimento econômico russo”. “Danielson acreditava que o ‘estágio capitalista’ de desenvolvimento poderia ser encurtado na Rússia, uma vez que o desenvolvimento tardio da Rússia permitiria que ela adotasse a mais recente tecnologia industrial ocidental sem ter que passar pela evolução social que a produziu pela primeira vez no Ocidente. Essa teoria remonta a A.I. Herzen e *N.G. Chernyshevsky*. [...] Também antecipou a teoria de *Leon Trotsky* do ‘desenvolvimento desigual e combinado’. Danielson argumentava que o capitalismo era essencialmente dispensável para um maior desenvolvimento econômico, e que a industrialização poderia continuar com base em uma economia socialista. Como os *narodniks*, ele via as comunas camponesas sobreviventes como núcleos potenciais para uma organização socialista da economia russa” (Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Danielson. Consultado em 15.05.2023).

tendências evolutivas à luz da teoria do autor [‘ou seja, Marx’, clarifica Rosdolsky]”.⁷³

Em 1891, em uma dessas cartas a Engels, inclusive reproduzindo citações do Livro I d’*O capital*⁷⁴, Danielson escreveu: “Em minha última carta, quis apresentar-lhe uma versão russa da ‘criação do mercado interno para as classes industriais’. Quis apontar como tem lugar ‘o aniquilamento da indústria rural [na Rússia, digo eu], processo no qual a manufatura se separa da agricultura’, para demonstrar que ‘só o aniquilamento da indústria doméstica rural pode formar um mercado interno suficientemente grande e estável, como o modo capitalista requer’”. Por fim, identificando seu país como um entrante tardio no mercado mundial capitalista, alinhavou: “Quis chamar sua atenção para a peculiaridade de nossa situação: ingressamos no mercado mundial em uma época na qual o modo de produção capitalista e o progresso técnico que o acompanha já haviam obtido a supremacia”. “Como resultado, temos, de um lado, um campesinato que constantemente se empobrece [não sendo absorvido pela indústria urbana, digo eu] e, de outro, uma indústria cada vez mais concentrada e tecnicamente mais avançada, mas totalmente dependente das flutuações do mercado interno, isto é, dependente de quão extensa é a separação entre a indústria e a agricultura”.⁷⁵

Ciente da continuidade da troca de correspondência entre os dois, e conhecedor delas, Rosdolsky reproduz o que chama de “ceticismo” de Nicolai Danielson sobre se o capitalismo poderia atingir pleno desenvolvimento na Rússia, fragmento que extrai de uma carta posterior enviada pelo narodniki russo (1892) a Engels, onde o missivista remetente atualiza mais uma vez o seu interlocutor sobre a gradativa dificuldade do capitalismo russo de se desenvolver: “[...] Por isso, parece que nossa criancinha, o capitalismo, que destrói os fundamentos da indústria camponesa doméstica mas que não dispõe de um mercado interno nem de mercados externos, não tem entre nós uma base firme para desenvolver-se”.⁷⁶

Roman Rosdolsky é taxativo quanto ao posicionamento do russo: “Danielson estava errado”. O autor de *Gênese* complementa indicando a origem do erro: “[...] Mas, ao contrário do que ele faz, não se deve considerar estaticamente o problema. Pois, quando a acumulação avança e uma parte da mais-valia acumulada é usada para empregar força de trabalho adicional, os novos trabalhadores, gastando seus salários, ajudarão a realizar a mais-valia criada no período de produção anterior. Os novos trabalhadores empregados, por sua vez, criam um valor, em produtos, cuja magnitude deve exceder a soma total de seus salários, e assim a contradição se reproduz em um novo nível... Esta consideração dialética do problema é fundamentalmente diferente da ideia abstrata, e por isso simplificada (‘linear’), defendida pelo populista russo”.⁷⁷

Aliás, Engels, em resposta, divergiu de Danielson, destacando, nas palavras

⁷³ ROSDOLSKY, Op. cit., p. 383.

⁷⁴ Idem, p. 384 c/c p. 592 Nota 34.

⁷⁵ Ibidem, p. 383 e 384.

⁷⁶ Ibidem, p. 384.

⁷⁷ Ibidem, p. 384 e 385.

de Roman, “que, segundo a doutrina de Marx, era preciso buscar a solução do conflito entre a tendência ilimitada à valorização do capital e o limitado poder de consumo da sociedade capitalista, antes de mais nada (mas não exclusivamente!), na expansão da ordem social capitalista, na criação do mercado interno”. Porém reconhecia que em um país como a Rússia (essencialmente agrário e que ingressara tardiamente no caminho do desenvolvimento capitalista, não dispondo de mercados externos significativos para ampliar seu mercado) esse processo seria mesmo “penoso e cheio de contradições”.⁷⁸

Em outro trecho desta carta resposta Engels escreveu: à medida que “a indústria russa esteja restrita ao mercado interno, a produção só poderá atender ao consumo interno. E este crescerá lentamente...Pois um dos fenômenos secundários que necessariamente acompanham a grande indústria é que, em um mesmo processo combinado, ela cria e destrói seu próprio mercado. Ela o cria pela destruição das bases da indústria camponesa doméstica. Mas o campesinato não pode viver sem indústria doméstica. Como camponeses, estão arruinados; seu poder aquisitivo se reduz a um mínimo. Até que se estabeleçam em novas condições de existência, na condição de proletários, só representarão um mercado muito pobre para as fábricas recém-criadas”. O capitalismo, continua Engels, está “cheio de contradições internas”, uma delas é “a tendência a destruir seu mercado interno ao mesmo tempo que o gera”. Outra contradição, aponta o filósofo parceiro e amigo de Marx, seria a “situação sem saída”, que, em última instância, o capitalismo deve gerar em se tratando de “um país sem mercado externo, como a Rússia [...]”.

Por tudo, o “general⁷⁹” conclui o debate com Danielson pontuando em uma carta seguinte que, em vista das características da Rússia da época, “a transformação causada pela revolução econômica [capitalista, digo eu] deve ser mais profunda e mais aguda que em qualquer outro lugar”, realizando-se “[...] com terríveis comoções e padecimentos. Mas a história é a mais cruel de todas as deusas. Seu carro triunfal passa sobre montanhas de cadáveres, não só na guerra, mas também no desenvolvimento econômico ‘pacífico’”.⁸⁰

Neste ponto, chamamos a atenção do leitor para a riqueza do diálogo de Engels com Danielson, a fim de conhecermos a partir de um caso prático a fundamental importância da concepção marxiana/engeliana histórico-dialética para o entendimento do movimento de formação e desenvolvimento do capitalismo, bem assim da necessidade de se perceber, a partir desse desenvolvimento, as condições necessárias para sua superação.

Passemos, então, ao posicionamento dos “marxistas legais”. Segundo Roman Rosdolsky, os adversários russos dos narodnikis, os “marxistas legais ou jurídicos”, apoiando-se na análise de Karl Marx da reprodução do capital social global do Livro II,

⁷⁸ Ibidem, p. 385 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

⁷⁹ Apelido de Engels dado por seu círculo de amizade, visto seu grande conhecimento prático e teórico de estratégia militar, fruto do período em que prestou serviço militar na Alemanha e do interesse que passou a ter pelo tema a partir dessa experiência, estudando-o largamente.

⁸⁰ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 386.

“descobrem a insuficiência teórica da doutrina dos populistas”. Rosa Luxemburgo, trazida aqui por Rosdolsky, detecta a descoberta, mas entende que os marxistas legais vão além do intuito “de saber se o capitalismo era capaz de se desenvolver de modo geral, e na Rússia em particular”. Ao analisarem “tão fundo” a questão e concluírem positivamente, Rosa observa que eles acabaram por demonstrar, “até mesmo teoricamente, a possibilidade de que o capitalismo dure eternamente”.⁸¹

Como destaca Roman, assim como os austromarxistas, os marxistas legais russos “confundem a análise abstrata de Marx com a realidade capitalista, extraindo conclusões injustificadas”. Referindo-se àquele que adjetiva como o “mais qualificado e mais ‘ortodoxo’ dos marxistas legais, Serguei Nikolaievich Bulgakov⁸²”, percebe que este, embora reconheça que os esquemas marxianos “não podem representar com exatidão o curso da vida econômica”, pois “não levam em conta nem os ciclos industriais nem as crises periódicas”, compreendeu os esquemas de Marx no sentido de que “mostram, em princípio, a possibilidade da reprodução ampliada e que essa possibilidade **pode converter-se em realidade**” (grifo nosso). De maneira geral, assinala Rosdolsky, Serguei Bulgakov “mostra-se convencido de que os esquemas oferecem **a solução global e definitiva para o problema da realização** [da mais-valia, digo eu]” (grifo nosso). Embora entenda que Bulgakov ignora o fato de que tais esquemas só “oferecem uma solução muito abstrata, e por isso incompleta, para o problema da realização, Roman Rosdolsky, no geral, não lhe tem objeção.⁸³

Porém, além da questão do alto grau de abstração dos esquemas marxianos não considerado por Bulgakov, Rosdolsky detecta que aquele “vai muito mais longe” do que deveria: visto que na abstração marxiana os dois departamentos da economia hipotética de Marx “dependem exclusivamente um do outro e nenhum deles necessita de outros compradores”, aquele marxista legal “esboça um quadro insustentável de autossuficiência absoluta da produção capitalista – não só no mundo hipotético dos esquemas, mas na realidade”. Inclusive, Bulgakov, concordando com o economista ucraniano Tugan-Baranovski⁸⁴, diz que este “tem razão quando afirma que a produção

81 Idem, p. 386 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

82 Serguei Nikolaievich Bulgakov (1871-1944) “foi um cristão ortodoxo russo, teólogo, filósofo e economista. Até 1922, ele trabalhou na Rússia, quando foi expulso do país com outros intelectuais por ordem de Lenin durante o episódio dos [Navios dos filósofos](#)” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Bulgakov. Consultado em 16.05.2023).

83 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 386 e 387.

84 Mikhail Tugan-Baranovski (1865-1919) “foi um político, economista e historiador ucraniano, o mais importante economista pré-revolucionário russo e ucraniano”. Crítico da [teoria do valor-trabalho](#), “É autor de numerosas obras sobre a teoria do valor, a distribuição do rendimento social, a história de desenvolvimento gerencial, e os fundamentos das atividades gerenciais em cooperativas”. “Socialista, embora crítico dos populistas russos [os *noridnikis*, digo eu], afirmava que era possível o desenvolvimento do capitalismo no [Império Russo](#)”, posicionando-se ao lado de um grupo de intelectuais marxistas “que Lenin e outros chamavam ironicamente de ‘marxistas legais’”. “Tugan-Baranovski também criticava a teoria marxista da [mais-valia](#)”. Em sua obra, “*As crises industriais na Inglaterra*”, expôs sua teoria das crises (mais conhecida como *teoria da desproporção*), segundo a qual as crises seriam provocadas pela desproporção entre investimento, poupança e consumo” (grifo do autor). “É creditada a Tugan-Baranovski a apresentação da hipótese de [ciclos longos](#) de desenvolvimento capitalista”. Tugan é reconhecido como um importante oponente dos marxistas revolucionários russos e da doutrina [marxista-leninista](#). [...] Tugan-Baranovski tentou reformar o marxismo ortodoxo russo, acrescentando uma grande dose de ética neo-

capitalista em crescimento cria um mercado que se **expande ininterruptamente** e que o tamanho desse mercado **só depende** da existência das **forças produtivas**” (grifo nosso).⁸⁵

Roman Rosdolsky alerta que, apesar de marxista ortodoxo, Bulgakov, ao interpretar os esquemas da reprodução do capital de Marx enfatizando as forças produtivas como solução do problema da realização e das crises, “não se diferencia” das concepções dos economistas clássicos Ricardo e Say, entre outros, “que salientavam a harmonia do sistema [capitalista, complementamos]”. Nosso pensador ucraniano, vê um problema grave na interpretação daquele marxista legal: “Como Bulgakov pretendeu tornar essa interpretação compatível com as numerosas manifestações de Marx sobre a ‘**limitação da capacidade de consumo das massas**’ como ‘causa básica de todas as crises’?” (grifo nosso). Ou, “como a limitada capacidade de consumo da sociedade [em função do baixo poder de compra, digo eu] influi na realização dos produtos em geral e na realização da mais-valia em particular?”.⁸⁶

O autor de *Gênese* observa que Bulgakov “acreditava haver respondido a essa questão” quando “reconhece a importância do consumo social, que se expressa em crises econômicas periódicas e recorrentes”, mas “nega que as crises tenham algo a ver com o problema da realização”, seja da produção seja da mais-valia. Na avaliação de Serguei Bulgakov, “O consumo, a satisfação das necessidades humanas constitui um elemento secundário da circulação do capital. Pois o volume da produção é determinado pelo volume do capital e não pelo tamanho das necessidades sociais. Por isso, a ampliação da produção não precisa ser acompanhada por um crescimento do consumo [...]. [...] Evidentemente, a produção capitalista deve sua ampliação especialmente ao departamento I, que produz capital constante [meios de produção, digo eu]. Só uma parte relativamente pequena deve ser creditada ao departamento II, que produz diretamente para o consumo”. Para o referido marxista legal, fica claro o papel que cabe ao consumo na produção capitalista e onde deve ser buscado o principal mercado para as mercadorias produzidas pelo capital, que para ele é o mercado dos meios de produção. Assim, continua Bulgakov, “a produção capitalista pode ampliar-se ilimitadamente, dentro dos estreitos limites da motivação de lucro e das crises, [...] independentemente do consumo, e até mesmo quando este diminui”.

Serguei, assim como os clássicos, vê os limites da motivação de lucro e das crises nas forças produtivas. Para ele, segundo Rosdolsky, as crises, por exemplo, “resultariam apenas do desenvolvimento desequilibrado dos diversos setores produtivos e devem ser consideradas como crises de desproporção. Pois ‘a condição única e fundamental para a possibilidade da reprodução ampliada consiste na proporcionalidade dos diversos setores produtivos. Se esta condição é respeitada, as dimensões da produção ficam determinadas apenas pela magnitude da acumulação do capital, pela necessidade de

kantiana, juntamente com elementos da Economia Política Clássica britânica e um traço da Escola Histórica Alemã” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovski. Consultado em 16.05.2023).

85 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 387.

86 Idem, p. 388 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

seu crescimento””. É dessa forma, segundo Roman, que Bulgakov entende como deveria ser interpretada a posição de Marx sobre as crises.

Em sua obra, conforme ainda Rosdolsky, Bulgakov também nega com ênfase “a ideia de que o modo de produção capitalista requer necessariamente mercados externos”. Neste aspecto, é possível, que o russo tenha apelado, como insinua o nosso autor ucraniano, “para a conhecida passagem do segundo tomo de *O capital*, na qual Marx diz que seria irrelevante incorporar o comércio exterior à análise do processo de reprodução do capital”. No entanto, é preciso ter sempre em mente que ali, continua Rosdolsky citando o filósofo alemão, “Marx só considera a reprodução do capital social em sua ‘forma fundamental’, ou seja, em um nível totalmente abstrato”, viés no qual, de fato, “a incorporação do comércio exterior ‘só pode confundir o problema e a solução, sem contribuir com nenhum fato novo””.⁸⁷

Não obstante, conforme um trecho do capítulo trinta de *Gênese*, Bulgakov até admite o “papel de válvula de segurança” que o comércio exterior pode desempenhar quando de um evento de superprodução, diz ele: “uma superprodução parcial de uma ou algumas mercadorias pode ser superada pela exportação do excedente e sua colocação em mercados estrangeiros”. O comércio exterior, com essa função, de acordo com Bulgakov, “pode proteger um país de uma crise parcial ou geral de superprodução”.⁸⁸

Por assim ser, “para um país capitalista”, afirma Serguei Bulgakov, “a necessidade do mercado externo tem causas que não decorrem da organização da produção capitalista, mas são externas a essa organização”, sendo de índole “histórica” ou “geográfica”. Como exemplo, com base em Bulgakov, Roman cita a Inglaterra, que “deve compensar com importações certas deficiências atribuídas ao clima e às características do solo”, o que não seria o caso “de países grandes, semelhantes a continentes, como os Estados Unidos ou a Rússia, que podem produzir todas, ou quase todas, as matérias-primas e os artigos de subsistência”. Portanto, com essa configuração de pensamento, ao contrário dos narodniki, Bulgakov encontrou argumentos para sua previsão de “um futuro grandioso e brilhante”, palavras dele, para o iniciante capitalismo russo, “anunciando”, como assinala Rosdolsky, “a esperança de que a Rússia logo estaria em condições de derrotar seus competidores no mercado mundial...”.⁸⁹

Lastreado por Rosa Luxemburgo, Roman Rosdolsky traz agora para a discussão outro adversário russo dos populistas narodnikis, Tugan-Baranovski, mais um

⁸⁷ Ibidem, p. 388 e 389.

⁸⁸ Ibidem, p. 389. Após a negação de qualquer vínculo teórico entre o problema da realização e o problema do comércio exterior, Rosdolsky menciona, ancorado em Rosa Luxemburgo, que Bulgakov “precisou construir uma teoria especial do comércio exterior que [...] ‘não foi inspirada em Marx, mas nos mestres alemães da economia política burguesa’”. Nela, diz Rosa, “não há lugar, de fato, para o comércio exterior. Se, logo no começo de sua evolução, o capitalismo cria em cada país um ‘círculo fechado’, dentro do qual gira como um gato que quer apanhar o próprio rabo, se ele ‘se basta a si mesmo’, se cria para si um mercado sem limitações e que tende a ampliar-se – então, qualquer país capitalista é também, economicamente, uma totalidade fechada que ‘se basta a si mesma’” (Ibidem, p. 390).

⁸⁹ Ibidem, p. 390.

marxista legal, cujas conclusões vão na mesma direção de Bulgakov: ambos examinam o problema da acumulação do capital, da realização e das crises capitalistas partindo da análise marxista da reprodução social do capital. Os dois “proclamam a autossuficiência da produção capitalista e sua suposta independência em relação ao consumo social”, ao contrário de Marx. Bulgakov e Tugan “negam que o impulso na direção dos mercados externos surja das leis inerentes ao capitalismo”. Localizam “a origem das crises econômicas, única e exclusivamente, na desproporcionalidade entre os diversos setores da economia”. Como afirma Rosdolsky, “Em todos esses aspectos, ambos são precursores da corrente posterior de economistas marxistas que aceitam a ideia de uma harmonia intrínseca do capitalismo”.⁹⁰

Em seu livro de 1901, Tugan-Baranovski afirma, citando expressamente os esquemas de Marx do Livro II, conforme sua leitura, “que a produção capitalista cria mercado para si mesma”. Assim, continua: “Se é possível ampliar a produção social, se as forças produtivas são suficientes para isso, então, havendo distribuição proporcional da produção social, também a demanda deve experimentar uma ampliação correspondente; sob essas condições, cada mercadoria nova produzida representa um novo poder aquisitivo que aparece para comprar outras mercadorias”. Sendo a ampliação da produção “praticamente ilimitada, devemos supor que a ampliação do mercado também é ilimitada”. Realizando-se a produção social nas “proporções corretas”, só há de ter uma “única barreira para a ampliação do mercado”: as “**forças produtivas** de que a sociedade dispõe”. Na avaliação de Rosa Luxemburgo, reproduzida por Roman Rosdolsky, Tugan “considera ter demonstrado que a acumulação capitalista – dadas as condições de ‘proporcionalidade’ [...] – pode prosseguir sem reservas até o infinito”.⁹¹

Neste ponto, replicamos a conclusão de Tugan da interpretação que faz dos esquemas de Marx: “na economia capitalista, a demanda de mercadorias independe, em certo sentido, do volume total do consumo social [de meios de vida ou de bens de consumo, digo eu]: é possível que diminua o volume total desse consumo e, ao mesmo tempo, cresça a demanda social total de mercadorias [que corresponde ao somatório da demanda por meios de produção e por bens de consumo, digo eu], por mais absurdo que isso possa parecer do ponto de visto do senso comum. A acumulação de capital social leva a uma contração da demanda social de bens de consumo e, ao mesmo tempo, a um aumento da demanda social total de mercadorias [proporcionado pelo incremento da demanda total por meios de produção ou por capital constante, digo eu novamente]”.⁹²

Roman Rosdolsky verifica que a afirmação de Tugan-Baranovski “contraria claramente os esquemas de Marx”, pois, nestes, “o avanço da acumulação é acompanhado por um crescimento constante do consumo social”. Nessa linha, o nosso autor ucraniano

⁹⁰ Ibidem, p. 390 e 391.

⁹¹ Ibidem, p. 391. Oportuno expor o que prescreve o economista clássico Jean-Baptiste Say em sua lei, a cujo núcleo, de acordo com Roman Rosdolsky, o próprio Tugan confere validade: “que, havendo uma distribuição proporcional da produção social, a oferta e a demanda de mercadorias devem coincidir” (Ibidem, p. 392 e 393).

⁹² Ibidem, p. 391 e 392.

arremata: “Por isso, Tugan deve refugiar-se em um fator não levado em conta nos esquemas do segundo tomo: a lei da crescente composição orgânica do capital⁹³”. Procedendo assim, Baranovski coloca em primeiro plano o “consumo produtivo”, o consumo de capital constante ou de meios de produção, em comparação à demanda de bens de consumo (meios de vida). No entendimento desse marxista legal russo, “O movimento da economia capitalista assume a feição de um mecanismo que, por assim dizer, existe para si mesmo, no qual o consumo do homem [consumo social, digo eu] aparece como um mero elemento do processo da reprodução e da circulação do capital”.⁹⁴

Disso tudo, ele extrai a seguinte conclusão e imagem. A conclusão: “As máquinas assumiram o lugar dos trabalhadores vivos, e os meios de produção substituíram os bens de consumo no mercado de mercadorias”. A imagem (nas palavras de Rosdolsky): “uma sociedade capitalista onde desapareceu toda a classe trabalhadora, com exceção de um único trabalhador, o qual aciona uma enorme massa de maquinaria para produzir, com sua ajuda, máquinas sempre renovadas, sem que isso gere uma discrepância entre a produção e o consumo social”. Tugan faz uma completa e radical separação entre a produção e o consumo social, afastando-se do que Marx quis mostrar com seus esquemas. Conforme inferimos do pensamento de Tugan-Baranovski, para ele aí está a chave dos esquemas marxianos para a contínua reprodução ampliada do capital.⁹⁵

Conhecemos até aqui um pouco das interpretações dadas aos esquemas da reprodução do capital social global do Livro II da obra máxima de Marx pelos automarxistas, pelos narodnikis e também pelos marxistas legais russos. Como bem constatou o nosso pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, vimos reveladas por essas correntes marxistas “as inesperadas consequências que podem surgir quando os esquemas da reprodução de Marx são retirados do contexto geral de sua doutrina e considerados isoladamente”.⁹⁶

Há mais. Reportando-nos ao terceiro item do Capítulo 30, conheceremos a interpretação dos **esquemas marxianos da reprodução do capital social global e a teoria da realização da produção e da mais-valia** de um dos mais importantes

93 A categoria *composição orgânica do capital* (Coc), citada no parágrafo em Nota, não foi detalhada por Rosdolsky em *Gênese*, mas apenas mencionada. Grosso modo, trata-se de um conceito criado por Karl Marx em sua teoria do capitalismo que “consiste na relação entre o valor do *capital constante* [meios de produção (matéria-prima, tecnologia, maquinaria, instalações etc.), digo eu] e o [valor, digo eu novamente] do *capital variável* [trabalhadores assalariados, digo eu], cujas variações se fazem sentir na modificação da taxa de lucro” (grifo nosso). A composição orgânica do capital “resulta”, portanto, “da relação de proporcionalidade existente entre esses dois tipos de capital, expressa na fórmula $Coc = c / c + v$ ”, onde $c = \text{capital constante}$ e $v = \text{capital variável}$. Tal composição “será tanto mais elevada quanto maior for a parcela de capital constante em relação a parcela de capital variável” (Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>. Consultado em 05.04.2023).

94 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 392 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte). Chamamos a atenção para a diferença entre “consumo do homem”, ou consumo social, e “consumo produtivo”, postas no parágrafo em Nota.

95 Assim, diferenciando “renda nacional” de “demanda nacional” e estes dois de “riqueza nacional”, Tugan crava: “a renda nacional pode diminuir e, ao mesmo tempo, a demanda nacional pode crescer; o aumento da riqueza nacional pode ser acompanhado de uma diminuição da renda nacional, por paradoxal que isso possa parecer” (Ibidem, p. 392).

96 Ibidem, p. 393.

importantes marxistas revolucionários do século XIX/XX: **Vladimir Lenin**⁹⁷.

Roman Rosdolsky dedica várias páginas do item às questões não especificamente econômicas que envolvem o tema em foco, sobre as quais não vamos nos ater dado o escopo do nosso trabalho. Entretanto, vale mencionar a aproximação ideológica do jovem marxista revolucionário Lenin do final do século XIX com os marxistas legais Serguei Bulgakov e Tugan-Baranovski em oposição aos narodnikis (populistas russos), muito embora aqueles marxistas fossem defensores, como vimos, de um desenvolvimento capitalista harmônico quando das respectivas interpretações dos esquemas da reprodução de Marx. Adiantamos, em conformidade com Rosdolsky, que não há de se atribuir a Lenin uma inclinação a interpretar a teoria econômica de Marx de modo a reforçar a ideia de um capitalismo harmônico defendida pelos dois compatriotas.⁹⁸

Vamos em frente. No contexto político, ideológico, social e econômico da Rússia das três últimas décadas do século XIX, os marxistas legais tinham como uma de suas principais tarefas “realizar uma luta sem tréguas contra a ideologia dos populistas [narodnikis, digo eu], que negavam o papel histórico especial da classe operária russa e pretendiam fazer o movimento socialista retroceder para o caminho utópico de um socialismo camponês especificamente russo” – o que significa marchar direto para o socialismo partindo do campo. Portanto, a fim de “combater essa ideologia, era necessário demonstrar a insustentabilidade das premissas teóricas nas quais se baseava”.

Indo direto ao problema da realização, o nosso autor ucraniano expõe que os populistas “defendiam a impossibilidade de realização da mais-valia na economia capitalista [russa, acrescentamos]”, sob o argumento da “carência de mercados externos disponíveis para a burguesia russa”, do “tamanho diminuto do consumo popular” e das “crises de superprodução inerentes ao capitalismo”. Por sua vez, os marxistas “desejavam demonstrar que a realização da mais valia era possível sem a necessidade de mercados externos e até mesmo se o consumo popular se mantivesse retraído”, relacionando

97 Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924), mais conhecido pelo pseudônimo Lenin ou Lenine, foi um muito importante revolucionário comunista e teórico político russo que serviu como chefe de governo de 1917 até sua morte, inicialmente da Rússia Soviética e mais tarde da União Soviética. “Sob sua administração, a Rússia e em seguida a União Soviética tornaram-se um Estado socialista unipartidário governado pelo [Partido Comunista](#) (PCUS). Ideologicamente marxistas, suas teorias políticas são conhecidas como [leninismo](#)”. Nascido em uma família de classe média alta, “interessou-se por políticas socialistas revolucionárias após a [execução de seu irmão](#) em 1887. Expulso da Universidade Imperial de Kazan por participar de protestos contra o regime czarista do Império Russo, nos anos seguintes graduou-se em Direito”. Em 1893 tornou-se uma importante figura do [Partido Operário Social-Democrata Russo](#) (POSDR). Em 1897, foi preso por sedição (rebelião contra o poder constituído) e exilado para uma cidade na própria Rússia por três anos, onde casou-se. “Após seu exílio, mudou-se para a Europa Ocidental, onde se tornou um teórico de destaque através de suas publicações. Em 1903, assumiu um papel fundamental em uma divisão ideológica do POSDR, liderando a facção [bolchevique](#) contra os [mencheviques](#)”. Foi um incentivador da insurreição durante a fracassada [Revolução Russa de 1905](#). Fez campanha para que a Primeira Guerra Mundial “fosse transformada em uma [revolução proletária](#) em escala europeia, que, como marxista, acreditava que culminaria no colapso do capitalismo e sua substituição pelo socialismo. Depois que a [Revolução de Fevereiro](#) de 1917 derrubou o czar e estabeleceu um [Governo Provisório](#), voltou à Rússia para desempenhar um papel de liderança na [Revolução de Outubro](#), em que os bolcheviques derrubaram o novo regime. Muito mais de Lenin, veja <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin>. Consultado em 20.05.2023.

98 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 393 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte). Aliás, cabe registrar que alguns anos mais tarde Nicolai Bulgakov e Tugan-Baranovski “abandonaram o movimento socialista e converteram-se em ideólogos da burguesia liberal russa” (Ibidem, p. 393).

“as crises de superprodução, não à dificuldade de realização, mas sim à falta de planejamento do sistema econômico capitalista”, o que guarda relação com a tal necessária “proporcionalidade entre os diversos setores produtivos” ou, no sentido oposto, com as “crises de desproporção dos meios de produção”, conforme entendiam. Para chegar a essa conclusão bastava, na visão dos marxistas legais, e também de Lenin, “a análise abstrata, desenvolvida no segundo tomo de *O capital*, das condições hipotéticas de equilíbrio da reprodução ampliada no capitalismo ‘puro’... [no sentido dos esquemas marxianos da reprodução, digo eu]”⁹⁹, pois essas condições “demonstram como, conservando-se determinadas proporções no intercâmbio entre as indústrias produtoras de meios de produção e as de bens de consumo, a sociedade capitalista pode não só renovar seu capital constante e variável, mas também ampliá-lo, capitalizando uma parte da mais-valia”.¹⁰⁰

Note que Lenin, ao assumir tal entendimento sobre os esquemas de Marx, sabia que estes não esclareciam totalmente o problema da realização, já que omitiam “fatores decisivos da realidade capitalista, como o incremento da composição orgânica do capital e da mais-valia relativa”, fatores que perturbariam o equilíbrio entre produção e consumo, criando “obstáculos cada vez maiores à realização do produto social”, explica Rosdolsky. Só depois “de estabelecer essas teses teóricas fundamentais”, disse Lenin, “Marx explicou o processo completo de realização do produto em geral, e da mais-valia em particular, na produção capitalista”.

Até aí tudo bem. Porém, acreditando, como os marxistas legais, que “[...] o crescimento da produção capitalista e, por conseguinte, do mercado interno não se faz tanto através dos bens de consumo, mas através dos meios de produção”, decorrendo daí a ideia de que “o crescimento do mercado interno para o capitalismo é, até certo ponto, ‘independente’ do crescimento do consumo pessoal [...]”, como dizia Lenin, pondo foco no crescimento relativamente mais rápido das indústrias produtoras de meios de produção, o teórico revolucionário russo, na realidade, pontua Rosdolsky, não traduz os esquemas marxianos do Livro II, pois estes “não demonstram nada disso”. Na verdade, continua o autor de *Gênese*, os dois departamentos na economia hipotética de Marx se desenvolvem “na mesma velocidade”.¹⁰¹

Portanto, assim como fizeram os marxistas legais analisados anteriormente, Vladimir Lenin, conforme deduzimos do que diz Roman Rosdolsky, provavelmente combinou a análise do processo de reprodução do Livro II com a lei da crescente composição orgânica do capital só desenvolvida por Marx no Livro III. Assim posto, o ponto de vista de Lenin sobre o problema da realização da produção social e da mais-valia que apresentamos a seguir se situa dentro desse esquadro teórico.¹⁰²

99 Ibidem, p. 393 e 394.

100 Ibidem, p. 395 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

101 Ibidem, p. 395 e 396.

102 Ibidem, p. 396 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Vejamos o que Lenin escreveu:

“Um desenvolvimento da produção (e, por conseguinte, do mercado interno) liderado pelos meios de produção parece paradoxal e, indiscutivelmente, constitui uma contradição. É uma autêntica ‘produção como um fim em si’, a ampliação da produção sem a correspondente ampliação do consumo. Mas isso não é uma contradição da doutrina, e sim da vida real. [...] Corresponde à missão histórica do capitalismo e à sua estrutura social específica: a primeira consiste em desenvolver as forças produtivas da sociedade; a segunda nega, à massa do povo, a fruição dessas conquistas técnicas”.

Primeiramente, é preciso contextualizar a formação desse ponto de vista de Lenin: **“a situação do capitalismo russo ainda primitivo”** (grifo nosso), diz Rosdolsky. O teórico bolchevique russo observou que a industrialização de um país semifeudal como a Rússia oferecia um mercado ilimitado para os meios de produção. Não há qualquer erro nessa apreciação, pontua Roman: isso vale “para todos os países que estão na etapa da revolução industrial e ainda devem criar os fundamentos da indústria moderna – uma rede de transportes e uma agricultura mecanizada –, o que na maioria das vezes se faz às custas de um nível de vida muito baixo das massas populares”. O capitalismo, “enquanto constrói sua base industrial [...] deve produzir enormes quantidades de fábricas, máquinas, estradas de ferro, instalações portuárias etc”, enfim, toda uma infraestrutura que acaba oferecendo durante dezenas de anos “um mercado rapidamente crescente para os meios de produção”.

Ocorre que, em algum momento, construídos os elementos fundamentais da industrialização, “o aparato industrial terá de produzir bens para o consumo individual”, dedura Roman Rosdolsky. A partir de então, o “problema do poder aquisitivo das massas passa [...] a ocupar o primeiro plano e não pode ser eludido”, a não ser que se acredite no que pregava o marxista legal Tugan-Baranovski sobre “a produção de máquinas como um fim em si”.¹⁰³

Não fazendo ressalva à validade em si ao ponto de vista Lenin, Roman Rosdolsky faz um esclarecimento importante: sua tese “só pode reclamar validade, do ponto de vista histórico, para uma época cronologicamente limitada – a época da industrialização incipiente –, e por isso, **não pode ser considerada com uma lei geral de desenvolvimento do capitalismo**”.¹⁰⁴

Outro quesito puramente técnico, e não menos importante, que o autor de *Gênese* destaca negativamente da tese de Lenin, embora não alcance a validade que lhe atribui, remete à distinção que Karl Marx faz no Livro III entre as “condições da valorização direta do capital e as de sua realização”. Para Marx elas **“não são idênticas”** (grifo nosso): “As primeiras só estão limitadas pela capacidade produtiva da sociedade, enquanto as outras só o estão pela proporcionalidade entre

¹⁰³ Ibidem, p. 395 e 396.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 397.

os diversos setores produtivos **e** pela capacidade de consumo” (grifo itálico do autor e grifo em negrito nosso). O teórico bolchevique, de acordo com Rosdolsky, se posiciona erroneamente quando sustenta que “a ‘capacidade de consumo da sociedade’ e a ‘proporcionalidade entre os diversos setores produtivos’ **não são duas condições distintas e independentes**. Ao contrário, um determinado nível de consumo constitui um dos elementos da proporcionalidade” (grifo nosso).¹⁰⁵

Cabe dizer que Roman Rosdolsky não tem dúvida “que toda perturbação do equilíbrio entre consumo e produção também perturba, cedo ou tarde, a proporcionalidade dos diversos setores produtivos”. Diz mais: “é claro que o conceito de proporcionalidade – se pensamos nele até o fim – também deve abarcar a correspondência recíproca de produção e consumo”. Porém, outra coisa é depreender desse fato que “não se possa separar os conceitos de ‘proporcionalidade’ e de ‘equilíbrio entre consumo e produção’, ou que em todas as circunstâncias eles devam ser considerados conceitos equivalentes”.¹⁰⁶ Não há que se falar da “proporcionalidade em um sentido mais amplo”, conceito que Rosdolsky extrai da teoria da realização de Lenin.¹⁰⁷ O próprio Karl Marx, no Livro IV, prossegue o autor de *Gênese*, “localiza a origem das crises parciais precisamente na desproporcionalidade entre os diversos setores produtivos, sem levar em conta a relação entre produção e consumo”.¹⁰⁸

Mas, o leitor pode estar se perguntando, qual a importância dessa discussão técnica para o problema da realização do produto social e da mais-valia que estamos a tratar? De pronto, esse debate revela um aspecto metodológico importante e que passou despercebido por vários estudiosos, incluindo Lenin, até porque, escrevendo sobre o assunto nas últimas três décadas do século XIX, não conheceram os *Grundrisse* (escritos em 1857/1858, foram descobertos em 1923 e publicados tão somente em 1939 e 1941) nem o Livro IV d’*O capital* publicado em 1905, pelo menos não profundamente¹⁰⁹: a contradição entre produção e consumo sustentada por Marx, não é apenas um aspecto a ser comprovado, e “nada mais”, ela desempenha um papel importante na teoria marxiana, e, como afirma Rosdolsky, “só é omitida na análise do segundo tomo por razões metodológicas”.¹¹⁰ Não podemos esquecer do que repetimos várias vezes ao longo do Folheto nº 10 e mesmo neste apêndice: além do Livro I, no Livro II, especialmente na Seção III, onde tratou da reprodução e da circulação do capital social global, o autor d’*O capital* não se dedicou ao capital concreto, ao capital real, mas ao “capital em geral”, ao capital em suas determinações abstratas. Como constata o nosso autor ucraniano, “Os

¹⁰⁵ Ibidem, p. 397 e 398.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 398. Inclusive, de acordo com o que expõe Roman Rosdolsky na página referenciada, o próprio Lenin em um artigo posterior vai dizer que da teoria de Marx se deduz que mesmo havendo idealmente uniformidade e proporcionalidade na reprodução e na circulação do conjunto do capital social “não se poderá evitar a contradição entre o aumento da produção e os limites restritos do consumo”. Portanto, Lenin aí assume plenamente o que Marx prescreve no trecho do quarto livro, conforme transcrito no parágrafo em Nota.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 399.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 398.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 400.

¹¹⁰ Ibidem, p. 399.

resultados a que Marx chegou nesses volumes – embora extraordinariamente importantes – deveriam ser concretizados e complementados com a investigação posterior do ‘capital em sua realidade’”.¹¹¹

O outro lado da importância do embate acerca do lugar que ocupa a contradição entre produção e consumo para entendermos melhor a interpretação da teoria da realização de Marx por Roman Rosdolsky e, por conseguinte, das crises decorrentes desse processo, face à teoria da realização de Lenin, consiste primeiro, pelo menos é o que captamos da longa análise de Rosdolsky, em considerar que, “no fundo”, as formulações daquele teórico russo “desembocam na teoria das crises de desproporção, mesmo quando essa teoria é modificada para se afirmar que a proporcionalidade dos setores produtivos [corolário da teoria da proporcionalidade, digo eu] também depende das relações de consumo”. Na visão de Rosdolsky, “A ideia de que a relação entre produção e consumo está subsumida no conceito de proporcionalidade serviu para aproximar Lenin, perigosamente, da teoria da ‘proporcionalidade’ das crises, de Bulgakov e Tugan”, ou, que dá no mesmo, da teoria das “crises de desproporção dos meios de produção”, como observado anteriormente.¹¹² Vladimir Lenin, conforme registra Roman, “jamais” atacou “a essência dos pontos de vistas de Bulgakov e de Tugan” – expressados na referida teoria da proporcionalidade –, inclusive foi na defesa dos dois e dele próprio quando criticados por terem extraído dos esquemas de Marx uma posição que conduzia à “harmonia entre a produção e o consumo”, negando a acusação, e colocando Marx junto com eles nesta investida, dizendo: “Mas Marx [sic] e os autores que expuseram suas ideias, com os quais Struve¹¹³ polemiza, longe de deduzir dessa análise a harmonia entre a produção e o consumo, destacam energicamente, ao contrário, as contradições inerentes ao capitalismo, que não podem deixar de manifestar-se na realização capitalista”.¹¹⁴

De qualquer forma, como revela o autor de *Gênese*, Lenin rechaçou o livro *A acumulação do capital* de Rosa Luxemburgo, não só “por sua errônea crítica aos esquemas da reprodução de Marx, mas também porque suas concepções teóricas [sobretudo, digo eu, a ideia da derrocada do capitalismo], não eram compatíveis com a versão da teoria da realização que ele mesmo [Lenin, digo eu novamente] defendia”. Inclusive, ainda de acordo com o que relata Rosdolsky, “Solidarizou com os críticos austromarxistas de Rosa porque as opiniões destes coincidiam com as suas, expressas nos argumentos usados em 1899 contra os narodniki”.¹¹⁵ Ora, se todos que não atacou iam em direção à defesa de que os esquemas de Marx do Livro II levavam, no fundo, à confirmação, em regra, do crescimento harmônico do modo de produção capitalista, com

111 Ibidem, p. 400.

112 Ibidem, p. 399.

113 Sobre o marxista legal russo Piotr Berngárdovitch Struve (1870-1944), veja: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/struve.htm#:~:text=Struve%2C%20Piotr%20Berng%C3%A1rdovitch%20%281870-1944%29%3A%20Publicista%20tusso.%20Por%20volta,%C3%B3rg%C3%A3os%20marxistas%20legais%3A%20N%C3%B3voe%20SI%C3%B3vo%2C%20Natch%C3%A1lo%20e%20Jizn.> Consultado em 20.05.2023.

114 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 400 c/c p. 595 Nota 97.

115 Idem, p. 400.

as condicionantes que já conhecemos, então a crítica de Lenin a Rosa, defensora da teoria da derrocada, no mínimo o aproximava do entendimento contrário.

Apesar de fazer essas considerações, o nosso pensador marxista ucraniano imputa ao **aspecto metodológico** o maior defeito da teoria da realização defendida por Vladimir Lenin. A despeito de admitir que Lenin não viu contradição entre a exposição de Marx no Livro II com a do Livro III, o que qualifica como correta, crê que aquele bolchevique “tenha exagerado a validade teórica da análise da Seção III do segundo tomo de *O capital*, querendo ver nela ‘a palavra definitiva’ da teoria da realização de Marx”. Assim, tentou “compatibilizar, de maneira geral e escolástica, os resultados dessa análise com as numerosas passagens do terceiro tomo, que aparentemente a contradiziam e à qual remetiam-se com facilidade Tugan-Baranovski e os narodniki [...]”. Ocorre que a exposição do Livro III “constituía o degrau seguinte da análise [marxiana, digo eu], um degrau no qual já não se tratava de focar as condições de equilíbrio da economia capitalista em seu curso ‘normal’, mas sim de assinalar as causas das necessárias perturbações desse equilíbrio, ou seja, de analisar as crises e a tendência à derrocada do capitalismo [tendência defendida por Rosa Luxemburgo, digo eu]”.¹¹⁶

Desse modo, depreende-se “que os esquemas da reprodução e a análise do segundo tomo não podem oferecer, por si sós, uma ‘explicação completa’ [e conclusiva, digo eu] para o problema da realização [e, em consequência, das crises, digo eu novamente]”. Só se tem essa explicação completa fazendo-se “uma conexão com a teoria marxiana das crises e da derrocada”, presente no mencionado Livro III.¹¹⁷

Todavia, ensina Roman Rosdolsky, “Se até mesmo sob as premissas mais severas – ou seja, no interior do modelo abstrato de uma sociedade puramente capitalista – é possível realizar a mais-valia e acumular capital (dentro de certos limites) [...]”, e assim está estampado nos esquemas da reprodução do Livro II, então “o modelo abstrato de Marx suportou o teste”.¹¹⁸

Isso posto, de modo a cumprir o combinado nas primeiras linhas do Texto 1 que expôs a observação metodológica de Roman Rosdolsky à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução do capital elaborados por Marx, trataremos a partir de agora da substância dessa crítica que Rosa exibiu em sua obra *A acumulação do capital*.

Na aferição do autor de *Gênese e estrutura de “O capital”*, somente levando em consideração as interpretações dos esquemas marxianos pelos austromarxistas, narodnikis e pelos marxistas legais russos “é possível compreender o livro de Rosa Luxemburgo [...]”. O tema central da sua obra “[...] consistia em destacar energicamente a **ideia da derrocada** [do modo de produção capitalista, digo eu] e, com isso, o **núcleo revolucionário do marxismo**”, em um contra-ataque ao uso das “doutrinas econômicas

¹¹⁶ Ibidem, p. 400 e 401.

¹¹⁷ Ibidem, p. 401.

¹¹⁸ Ibidem, p. 409.

de Marx para defender a tendência do capitalismo à harmonia”, bem como, à recusa daqueles marxistas à ideia da derrocada capitalista e ao esforço que faziam para explicar vulgarmente as crises “como meras crises de desproporção [...]” (grifo nosso).¹¹⁹

Fazendo menção ao economista marxista polonês Henryk Grossmann, Rosdolsky destaca o que para ele parece ser um acerto daquele economista quando qualifica como “um grande mérito histórico de Rosa Luxemburgo” ter “retornado à ideia fundamental de *O capital*, demonstrando que existe um limite econômico absoluto para o desenvolvimento do modo de produção capitalista”, em intencional “contraste” e em “protesto” contra os que defendiam “a tendência do capitalismo à harmonia”, uma completa deformação da teoria marxiana.¹²⁰

O nosso pesquisador ucraniano lança uma pergunta que nesta altura, acreditamos, já esteja na mente do leitor: “Por que não foi Lenin, mas Rosa, quem se ocupou dessa tarefa?”: a resposta está na “diferença da situação do marxismo na Rússia e na Alemanha¹²¹”. Trata-se efetivamente de um questionamento de cunho político, mas que vemos como passível de esclarecer o que estava por trás e também nas entrelinhas das diferentes e divergentes interpretações teórico-econômicas por marxistas dos esquemas da reprodução do capital social global do Livro II.¹²²

Nas últimas décadas do século XIX, a Alemanha de Rosa Luxemburgo vivia um capitalismo que não só estava no auge, mas já mostrava alguns sinais de decadência. Neste cenário, segundo Rosdolsky, “a tarefa da esquerda marxista [alemã, digo eu] consistia em ressaltar a ideia da derrocada econômica e política da ordem social capitalista” face a uma “poderosa burocracia operária, fortemente enraizada nas massas”. Embora professasse “um credo ‘marxista’, essa burocracia apoiava ambos os pés no terreno da ordem social dominante e só confiava em alcançar progressos sociais e políticos no interior dessa ordem”. Era essa burocracia operária o adversário de Rosa. Diante desse quadro, o nosso autor ucraniano afirma sem exitar: “O livro de Rosa Luxemburgo foi escrito para cumprir esse papel”.¹²³

Enquanto isso, na Rússia, os marxistas dirigiam seu interesse teórico “preferencialmente para a luta contra a ideologia dos narodnikis”, partidários de um “utópico socialismo camponês”, como visto. No fim do século XIX ainda se fazia necessário destacar naquele país “a inevitabilidade e o caráter historicamente progressista do desenvolvimento capitalista”. Daí o esforço que faziam “para demonstrar a viabilidade do incipiente capitalismo russo”.¹²⁴

Feito esse apanhado sobre a luta da esquerda nas duas nações, Roman passa a discorrer sobre a teoria de Luxemburgo da acumulação do capital, assinalando: do

119 Ibidem, p. 407.

120 Ibidem, p. 408.

121 Entenda como incluído aqui a Áustria.

122 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 407.

123 Idem, p. 407 e 408.

124 Ibidem, p. 408.

exposto sobre o papel do livro *A acumulação do capital* “não se depreende que aceitemos a teoria específica proposta por Rosa para descrever a acumulação”. Rosdolsky não considerava correta o seu entendimento de que “a acumulação do capital só pode ser explicada com a ajuda das assim chamadas ‘terceiras pessoas’, ou seja, o intercâmbio com o meio não capitalista”¹²⁵. Aí se localiza, de acordo com aquele pensador, “o erro da crítica de Rosa Luxemburgo”.¹²⁶ Karl Marx sabia que “o processo de acumulação do capital dificilmente pode ser compreendido se não se leva em conta esse fator”. Tanto é que nas etapas posteriores da sua investigação o filósofo alemão passou a contemplá-las, como metodologicamente projetado por ele.¹²⁷

A partir desse ponto do capítulo trinta de *Gênese*, o autor começa a discorrer sobre os erros de conteúdo da crítica de Rosa aos esquemas da reprodução marxianos. O erro fundamental da sua crítica, diz Roman, foi só saber “defender a ideia da derrocada fazendo uma crítica – fundamentalmente errada – à teoria da reprodução de Marx”. Sem perceber, sustenta o ucraniano, ela “voltava a usar as premissas da reprodução simples na análise da reprodução ampliada”, submetendo-se “involuntariamente”, continua Rosdolsky desta vez replicando Henryk Grossmann, “à influência daqueles que desejava combater, acreditando que o esquema de Marx admite de fato uma acumulação ilimitada [...]”, deixando, talvez por isso, de “examinar o esquema da reprodução de Marx nos marcos do sistema global do próprio Marx, e especialmente sua teoria da acumulação”. Na linha da sua própria opinião, segundo Grossmann, que “do esquema da reprodução de Marx resulta a possibilidade de acumulação *ad infinitum*, que Tugan, Hilferding e depois Otto Bauer deduziram corretamente essa ideia a partir do esquema”, Rosa Luxemburgo “abandonou o esquema de Marx para salvar a ideia da derrocada, resultante do primeiro tomo [Livro I, digo eu] de *O capital*”.¹²⁸

Roman Rosdolsky identifica na explanação de Henryk Grossmann a explicação de boa parte dos erros da marxista polaco-alemã. Mas também explica seus erros a compreensão insuficiente da metodologia marxiana: “não percebeu a diferença entre o capital individual e o capital social global”, bem como a relevante distinção “entre o ‘capital em geral’ e o ‘capital em sua realidade’”. Destes aspectos tratamos com exclusividade no Texto 1 deste apêndice.¹²⁹

Igualmente entra no elenco de equívocos cometidos por Luxemburgo levantados por Rosdolsky o fato dela misturar “erroneamente o capital social global com o capital em sua existência histórica concreta”. Para a autora de *A acumulação do capital*, “o conceito de uma ‘sociedade puramente capitalista’, de Marx, só podia ser útil

125 Já falamos sobre isso no Texto 1. Fazendo uma análise abstrata no Livro II, “Marx precisou abrir mão, naturalmente, do papel das ‘terceiras pessoas’, assim como, em geral, de todos os fatores alheios ao próprio capitalismo”. A maior parte dos adversários de Rosa supunha incorretamente que Marx ignorou completamente essas “terceiras pessoas” (Ibidem, p. 598 Nota 120).

126 Ibidem, p. 408.

127 Ibidem, p. 598 Nota 120.

128 Ibidem, p. 408.

129 Ibidem, p. 408 e 409.

ao se considerar o processo de produção e circulação do capital individual; mas o conceito perderia todo o sentido quando se enfocasse a sociedade capitalista e seu conjunto e, especialmente, o problema da acumulação do capital social global”.¹³⁰

Conforme Roman Rosdolsky, citando o autor d’*O capital*, o modelo de Marx de uma “sociedade puramente capitalista” tem a finalidade de “mostrar as tendências evolutivas” do capitalismo, “libertadas ‘de qualquer circunstância acessória perturbadora’”. As premissas metodológicas do modelo marxiano, como a própria Rosa Luxemburgo escreveu acertadamente uma vez, o que chama atenção, “só corresponde à tendência histórica do movimento da acumulação e ao seu resultado teórico final [...]”. E ela não parou por aí: “Nunca ocorreu a Marx, nem em sonhos, pensar que seus esquemas matemáticos tivesse o valor de uma prova para demonstrar que a acumulação podia ocorrer em uma sociedade formada apenas por capitalistas e trabalhadores [uma sociedade puramente capitalista, digo eu]”. A nossa marxista polaco-alemã inclusive admite que Marx investigou “o mecanismo interno da acumulação capitalista”, tendo estabelecido na investigação “as leis econômicas concretas que governam esse processo”.¹³¹

Ora, levando em conta o que disse Rosa nas passagens citadas, e o que sugere Roman Rosdolsky ao incluí-las na sua análise, o modelo de Marx foi mesmo “só um instrumento para mostrar em forma pura, as condições do equilíbrio em uma economia capitalista em expansão [...]”. Logo, arremata o autor ucraniano em comentário, “não se sustenta” a afirmação de Luxemburgo quando, numa outra ocasião, qualificou a proposta marxiana da reprodução do capital do Livro II como uma “abstração sem vigor”.¹³²

Porém, não só de apontar os erros da crítica de Rosa Luxemburgo “vive” Roman Rosdolsky. Ele também identificou seus pontos fortes. Estes iremos apenas listar: a indicação de que os esquemas da reprodução ampliada de Marx não consideram as modificações decorrentes do progresso técnico (a crescente composição orgânica do capital, o aumento da taxa de mais-valia e o incremento da taxa de acumulação); o reconhecimento de que na incorporação dessas modificações aos esquemas, as condições de equilíbrio da reprodução ficam perturbadas e a acumulação não pode realizar-se sem romper as relações fundamentais do esquema marxiano.¹³³

Não obstante dar razão a Rosa, no que se refere a este último “ponto forte”, Rosdolsky não ver no rompimento das “relações fundamentais do esquema marxiano” a consequência posta por ela da não realização da acumulação e que esta seja “impossível”. O que acontece, e este é um aspecto também fundamental para o entendimento adequado dos esquemas marxianos do Livro II, é que “qualquer revolução nas forças produtivas, em escala social, deve pôr fim ao estado de equilíbrio entre os setores produtivos, levando,

¹³⁰ Ibidem, p. 409.

¹³¹ Ibidem, p. 409 e 410.

¹³² Ibidem, p. 410.

¹³³ Ibidem, p. 410 e 411.

através de todo tipo de perturbações e de crises, ao estabelecimento de um novo equilíbrio temporário”. Não se pode perder de vista que Marx “conscientemente pretendia investigar [...] as relações de equilíbrio da reprodução ampliada **enquanto** as condições da produção permanecem constantes” (grifo nosso).¹³⁴ Fundamental essa compreensão.

Para encerrar este escrito, que se alongou deveras, reproduzimos a apreciação final de Roman Rosdolsky, ancorado na obra definitiva de Karl Marx:

“O modelo de Marx, que mostra uma reprodução ampliada em equilíbrio no ‘capitalismo puro’, não podia nem devia ser um reflexo fiel do mundo capitalista concreto. Ele não leva em consideração nem a anarquia da produção nem o conflito entre produção e consumo, inseparáveis da essência do capitalismo. Nesse modo de produção, o desenvolvimento proporcional dos setores produtivos e o equilíbrio entre produção e consumo só podem ocorrer submetidos a dificuldades e perturbações permanentes. O estado de equilíbrio deve ser alcançado em períodos breves, pois do contrário o sistema capitalista não poderia funcionar. Nesse sentido, os esquemas da reprodução de Marx não são mera abstração. Mostram um aspecto da realidade econômica¹³⁵, mesmo que a proporcionalidade dos setores produtivos, pressupostas nos esquemas, só possa ser temporária e resulte ‘da desproporcionalidade, em um processo permanente’”.¹³⁶

Por fim, assimilamos da investigação de Roman Rosdolsky dos esquemas da reprodução do capital de Karl Marx dois importantes resultados. O primeiro é que não se deve considerar esses esquemas como um esboço teórico que o filósofo alemão “não pôde ‘completar’ por falta de tempo”. Na aferição do nosso autor ucraniano, “tudo indica que [...] o próprio Marx nunca teve a intenção de ir mais longe do que o que foi publicado no segundo tomo de *O capital*”. Pelo que acabamos de conhecer da análise de Rosdolsky reproduzida nos dois textos deste apêndice, por certo que Marx fez uma escolha metodológica coadunada com a ideia filosófica de “**totalidade**”¹³⁷. O segundo resultado consiste na descoberta por Roman de que os esquemas da reprodução do Livro II “só constituem uma fase – embora importantíssima – da análise marxiana do processo da reprodução social. Precisam ser complementados pela teoria marxiana das crises e da derrocada” do capitalismo. Portanto, “esses esquemas só podem ser compreendidos no contexto geral da doutrina de Marx”. Também no segundo resultado a ideia metodológica da “totalidade” está decisivamente presente. Na avaliação do autor ucraniano, “À primeira vista, as perturbações no equilíbrio da reprodução, provocadas pelo progresso técnico, só parecem demonstrar que o curso da produção capitalista deve levar, sempre renovadamente, a crises e, através delas, à substituição do equilíbrio temporário existente

¹³⁴ Ibidem, p. 411.

¹³⁵ Constituem, constata o filósofo revolucionário alemão, “um fragmento da realidade econômica”.

¹³⁶ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 412.

¹³⁷ Sobre a categoria filosófica da *totalidade*, veja o texto **A totalidade como categoria central na dialética marxista** (in CARVALHO, Edmilson. Instituto de Estudos Sociais, Revista Outubro nr. 15, 2007. Disponível em <https://aquihadragespodcast.wordpress.com/2018/02/16/a-totalidade-como-categoria-central-na-dialetica-marxista/>. Consultado em 20.05.2023).

por um novo equilíbrio também temporário”. As contradições do modo capitalista de produção, das quais vimos algumas neste escrito, vão se reproduzindo “em um grau cada vez mais elevado, até que finalmente a ‘espiral’ do desenvolvimento capitalista chega ao fim”.¹³⁸

138 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 418 e 419.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.

ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.fevistasletronicas.pucrs.br/fojs/index.php/fintuitio/farticle/fdownload/f9664/f8478/f&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.

ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.

ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.

ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.

AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>

BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.

BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.

BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BEER, Marx. **História do Socialismo e das Lutas Sociais Quarta Parte: As Lutas Sociais na Época Contemporânea. Capítulo X – A segunda Internacional (1889-1914)**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/beer/ano/historia/p4cap10.htm>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/embed/7JKKYhCxt8?start=191>.

BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.

_____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.

BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) Marxian Economics. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59.

BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio "Trent'Anni Doppo"**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.

BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistapricipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels, O Segundo Violino**. São Paulo-SP: Editora Xamã, 1995.

_____. **Vida e polêmicas de Rosa Luxemburgo – um roteiro**. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vida-e-polemicas-de-rosa-luxemburgo-um-roteiro/>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

_____. e FELDHAUS, Charles. **O conceito de essência humana a partir da concepção antropológica de Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/330209317_O_CONCEITO_DE_ESSENCIA_HUMANA_A_PARTIR_DA_CONCEPCAO_ANTROPOLOGICA_DE_LUDWIG_FEUERBACH.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Disponível em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GENNARI, Adilson Marques. **Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN Jorge. **Existe o Livro IV do Capital de Marx? | Jorge Gresplan Explica**. Vídeo. Série: Marx e a crítica do modo de representação capitalista. TV Boitempo. 2020. Disponível em https://youtu.be/s6wIL_10QVc.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Capital em geral e a estrutura de O Capital de Marx: novos insights a partir dos Manuscritos Econômicos de 1861-1863.** Site LavraPalavra, 2020. Disponível em <https://lavrapalavra.com/2020/11/26/capital-em-geral-e-a-estrutura-de-o-capital-de-marx-novos-insights-a-partir-dos-manuscritos-economicos-de-1861-1863/#:~:text=A%20obra%20de%20Roman%20Rosdolsky%2C%20G%C3%AAnese%20e%20Estrutura,teve%20in%C3%ADcio%20com%20a%20ascens%C3%A3o%20do%20movimento%20estudantil.>

_____. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”.** Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. em

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo.** Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. em

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels.** Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky).** Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!).** São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistapincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política.** Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx.** Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma.** Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. em

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista.** Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx.** (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx.** Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARIMBONDO, Santiago. **“O capital em geral” e os “múltiplos capitais” / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky.** Site Quilombo Spartacus, 2020. Disponível em <https://quilombospartacus.wordpress.com/2019/09/01/o-capital-em-geral-e-os-multiplos-capitais-debate-com-michael-heinrich-a-partir-de-roman-rostdolsky-2/>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França.** Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>. em

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse.** Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão.** Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida.** São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica.** Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado.** Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social.** Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo**. Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EzsyTOBnIrk>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-crisis-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade.** Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx.** Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaio, número 37, 2022, p. 55 (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx).

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia).** Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+antropol%C3%B3gico>).

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo.** Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE BING. **Devir.** Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pglt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>.

SITE BLOG PURA ECONOMIA. **Joan Robinson (1903-1983).** Disponível em <https://puraeconomia.blogspot.com/2005/03/joan-robinson-1903-1983.html>.

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo.** Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/escravidao-nos-dias-de-hoje.htm>.

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade.** Disponível em <https://conceito.de/laboriosidade#:~:text=A%20laboriosidade%20costuma%20ser%20considerada%20como%20um%20valor,detalhes%20e%20tentando%20conseguir%20o%20melhor%20resultado%20poss%C3%A1vel>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação.** Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE CONTROLE. **Significados. Composição orgânica do capital.** Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

_____. **Matéria.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/mat%C3%A9ria>.

_____. **Substância.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital.** Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia.** Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatiq.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>. em

SITE EDISCIPLINAS USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital.** Aula 21. Disponível em https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”.** Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho.** Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value. em

SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia)). em

_____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggm.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezaros-em-para-alem-do-cap/>. em

SITE PORTAL GELEDÉS. **6 multinacionais envolvidas com trabalho escravo e exploração infantil.** Disponível em <https://www.geledes.org.br/6-multinacionais-envolvidas-com-trabalho-escravo-e-exploracao-infantil/>.

SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.

SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>. em

SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia.** Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>. em

SITE UNIBLOG. **Mulheres economistas na história: Joan Robinson.** Disponível em <https://uniblog.unicajabanco.es/mujeres-economistas-de-la-historia—joan-robinson>. em

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%Bcher. em

_____. **Apologética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica>.

_____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **A sagrada família.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)). em

_____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em

_____. **Ateísmo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo>.

_____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.

_____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.

_____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

-
- _____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.
- _____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>. em
- _____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.
- _____. **Cogito ergo sum**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.
- _____. **Comuna de Paris**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.
- _____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%ADtica.
- _____. **Coruja de Atena**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crise do capitalismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo. em
- _____. **Democracia direta**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%ADtica)).
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico. em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%ADtica. em
- _____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).

- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxil).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Antonio Gramsci**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci.
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.

- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Lumpenproletariat.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nikolai Bukharin.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin.
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Ópio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%As_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.

-
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino da Hungria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria).
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino da Pr%C3%BAssia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia).
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino de It%C3%A1lia \(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es de produ%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9 Descartes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes).
- _____. **Republicanism**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es de 1848 nos Estados alem%C3%A3es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es).
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Francesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa).
- _____. **Revolução Gloriosa**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Gloriosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa).
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial Revolution](https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution).
- _____. **Revolução russa de 1917**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Russa de 1917](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917). em
- _____. **Revoluções de 1848**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es de 1848](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848).
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman Rosdolsky](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky).
- _____. **Rosa Luxemburgo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa Luxemburgo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo).
- _____. **Rudolf Schlesinger**. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf Schlesinger](https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger).
- _____. **Segunda Internacional**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Internacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional).
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Revolu%C3%A7%C3%A3o Industrial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial). em
- _____. **Ser**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre a Quest%C3%A3o Judaica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica). em
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%ADfico>. em
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade comunista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista).
- _____. **Substância**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia \(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Táler**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa de explora%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Teoria da revolução permanente**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria da revolu%C3%A7%C3%A3o permanente](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente). em
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento desigual e combinado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado). em
- _____. **Teoria do socialismo em um só país**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo em um s%C3%B3 pa%C3%ADs#:~:text=O%20socialismo%20em%20u%C3%B3pol%C3%ADtica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20socialismo%20em%20u%C3%B3pol%C3%ADtica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin). e m
- _____. **Teoria do valor-trabalho**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria do valor-trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho).

_____. **Teoria populacional malthusiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana. em

_____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.

_____. **Thomas Malthus.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em

_____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o. em

_____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor.** Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>.

TIBBLE, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>. em

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx.** Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>. em

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx.** Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvnp1gdq>.